

Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam os seus autores?



Jacob Jordaens, The Four Evangelists, 1625-1630.

Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam os seus autores?

(Versão 11)

*“Sem crítica não há correção de erros,
não há renovação de conceitos nem
abertura de perspectiva para a evolução.”*

(HERCULANO PIRES)

Paulo Neto

Copyright 2018 by
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:

https://en.wikipedia.org/wiki/Four_Evangelists#/media/File:Four_Evangelists_Jordaens_Louvre_Inv1404.jpg

Revisão:

Hugo Alvarenga Novaes
José Humberto da Silva Ramos
Rosana Netto Nunes Barroso

Diagramação:

Paulo Neto
site: <https://paulosnetos.net>
e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, setembro/2018.

Índice

Prefácio.....	4
Introdução.....	10
A origem de nosso interesse pelo tema.....	15
Quando os Evangelhos foram escritos e como os escolheram.....	42
Os textos dos Evangelhos são os dos originais?.....	58
Informações sobre os seus autores.....	66
1) Dos tradutores.....	68
2) De estudiosos e exegetas.....	75
Conclusão.....	90
Referências bibliográficas.....	104
Dados biográficos do autor.....	111

Prefácio

Desde os primórdios tempos, a humanidade foi envolvida em “mistérios” de todos os tipos. Notadamente, podemos observar através dos relatos históricos que uma parcela expressiva da sociedade daquela época era mais motivada pela curiosidade em desvendar o desconhecido, isto é, comparando-se à outra parcela daquela gente era movida pela apatia.

Por outro lado, destacando a grande maioria daquele povo, por exemplo, em virtude das dificuldades circunstanciais oriundas da escassez de esclarecimentos e da falta de acesso às demais informações, essas pessoas só viviam em função do atendimento às suas necessidades básicas e cruciais, no entanto, apenas uma minoria privilegiada daquele povo é que possuía algumas noções mais avançadas sobre outros fatos considerados mais relevantes para aqueles tempos.

Sendo também que desse contingente de

pessoas, muitos preferiram se acomodar – o que ainda ocorre atualmente entre nós –, ou seja, concordaram em aceitar as conclusões, ideias e premissas oferecidas por outros que foram além e partiram para o campo das investigações, obtendo suas conclusões e apresentando as suas próprias teorias e “teorias”, estratégias de conveniências – jogo de interesses –, às vezes, até impostas à maioria submissa. Assim prevaleceu e, lamentavelmente, assim ainda prevalece em nossos dias!

Muitos, podendo fazer as suas próprias investigações ou pesquisas, simplesmente optam por permanecerem em suas zonas de conforto, ou a lei do menor esforço, e até como dizem alguns refrões popular: “comem nas mãos dos outros”, “deixando ficar, para verem como é que fica”.

Esse é um viés da maioria da humanidade. É óbvio que não cabe aqui aqueles foram e ainda são oprimidos, os quais são obrigados a acatarem às imposições de seus líderes.

A cultura da lei do menor esforço tem sido uma

realidade em quase todas as civilizações, mundo afora. Citamos como exemplos, pessoas que defendem uma ideia como se fosse sua, a qual retratasse a realidade, inclusive, sendo acometidas até de uma dose significativa de fanatismo, pelo simples fato de não ter sido comprovada a veridicidade daquela referida ideia. Em outras palavras, poderíamos afirmar que uns nascem para serem líderes, outros para serem liderados. E por aí vai.

É susceptível, também, podermos constatar através da história que, desde a antiguidade, sobretudo, em termos de religião, o Clero – ou os líderes religiosos –, com maior destaque à Igreja Católica Romana, sempre esteve envolvido em grandes segredos e dogmas religiosos, principalmente no que tange à verdade sobre a de Jesus, da Sua vida, da Sua trajetória, das Suas pregações, e de todo o Seu legado moral que Ele deixou à humanidade, por meio do Seu Evangelho, etc.

Como frisamos no primeiro parágrafo desse prefácio, ainda existem nos arquivos do Vaticano

enorme quantidade de documentos, afora os que certamente foram destruídos, guardados à “sete chaves”, nos quais constam muitas verdades e inverdades em torno das narrativas contidas nos Evangelhos atribuídos aos discípulos de Jesus.

Paulo Neto nos presenteia com a obra, de sua autoria, denominada *“Os nomes dos títulos dos Evangelhos designam os seus autores?”*, na qual – com muita competência e propriedade – ele faz uma abordagem completa e detalhada, exatamente nessa época de modernidade e globalização, através de suas incansáveis e sucessivas pesquisas investigativas, sobre esse assunto, tão palpitante e oportuno, quiçá atendendo às suas percepções intuitivas. Pois nada, e absolutamente nada acontece por acaso.

O autor, por meio de sua narrativa e de suas considerações sobre o assunto, nos instiga a pensarmos que nem tudo que se dizem, que se afirmam, que se ouvem ou que se leem, poderá ser considerado como autêntico, ou não, isto é, caso tenhamos alguma dúvida sobre qual ou tal afirmativa, ou colocações sobre determinado

contexto, e, por ventura, queiramos verificar a sua autenticidade, é um dever e um direito que nos fora outorgado pelo Criador através do nosso livre-arbítrio, para podermos investigar ou pesquisarmos sobre a veracidade daquela premissa ora ou já estabelecida.

Mesmo porque, dentro de um raciocínio lógico, somente poderemos ter acesso a uma determinada informação, a partir do momento em que já tenhamos conquistado a inteligência e o discernimento, necessários para obtermos uma perfeita compreensão daquilo que iremos investigar, ou que desejamos saber. Na minha opinião, essa é uma condição *“sine qua non”*, para o ser humano que deseja desvendar algum fato, no tempo certo.

Feito essas sucintas considerações, convido você, leitor, para se deliciar, podendo ler e compreender cada palavra, cada frase e cada capítulo dessa obra, recheada de informações ricamente elucidativas e apropriadas àqueles que têm sede de esclarecimentos acerca dos discípulos de Jesus, aos quais foram atribuídos a autoria dos quatro evangelhos, escolhidos pelos líderes

religiosos, com maior ênfase ao Clero ou à Igreja Católica Romana.

Boa leitura!

Mílton Anacleto de Campos

Outubro de 2018.

Introdução

“Quem quer esclarecer-se não deve colher ensinamentos de uma só fonte, porque só pelo exame e pela comparação se pode firmar um juízo.” (ALLAN KARDEC)

Sempre estamos às voltas com pessoas crédulas em demasia, que ingenuamente pensam que os nomes que constam dos títulos dos Evangelhos – Mateus, Marcos Lucas e João –, de fato, designam os seus autores.

Talvez o termo mais adequado seja “inocentemente”, pois a grande maioria, como até nós mesmos há algum tempo atrás, apenas confiaram nas informações que lhes foram passadas nas suas correntes religiosas de origem, que, em sua generalidade, nem lhes “permitia” questionar o teor dos textos bíblicos.

Nenhuma dúvida elas têm quanto a isso, por conseguinte, dão como certo que três deles, Mateus,

Marcos e João, faziam parte daquele grupo de pessoas que, intimamente, conviveram com o Mestre de Nazaré, portanto, seriam “testemunhas oculares” de todos eventos narrados nos Evangelhos.

Percebemos claramente que entre palestrantes e estudiosos espíritas que se referindo a cada um desses três nomes, o trata como se fosse, de fato, um discípulo de Jesus.

Entendemos que, embora imbuídos de muita boa vontade, falta a essas pessoas o conhecimento do que, na atualidade, a crítica bíblica pensa sobre os reais autores dos Evangelhos.

Julgamos ser oportuno transcrever este trecho do capítulo “Mateus, Marcos, Lucas e João” de **As Três Revelações**, autoria da médium Yvonne A. Pereira (1900-1984), que se destaca entre os maiores médiuns e escritores espíritas:

Mateus e João foram apóstolos chamados diretos, de Jesus, porque conviveram com Ele, seguiram seus passos nos serviços da sua missão, ajudaram-no todos os dias nas idas e vindas necessárias à propagação da nova Doutrina, receberam

pessoalmente as instruções fornecidas pelo Mestre.

Marcos e Lucas, porém, não foram apóstolos diretos, mas serviram à Doutrina de Jesus como verdadeiros abnegados e, por isso, mereceram ser considerados também apóstolos.

Marcos conheceu Jesus pessoalmente, mas era ainda menino, um adolescente, como vocês, quando o Mestre ensinava a sua Doutrina. E **Lucas nem mesmo o conheceu pessoalmente**.

Esses quatro dedicados servidores escreveram os evangelhos depois da morte de Jesus, isto é, escreveram cada um a sua versão sobre os feitos do Mestre: os ensinamentos com que Ele instruía o povo sobre a nova Doutrina, as Leis em que ela se baseia, as curas feitas por Ele nos pobres doentes, nos aleijados, nos cegos, nos obsidiados, enfim, sobre os acontecimentos em torno do mesmo Senhor Jesus, nosso Mestre.

Cada evangelho, portanto, é assinado como o nome do seu autor, exatamente como um livro moderno traz a assinatura de quem o escreveu. Se quisermos citar um trecho do Evangelho de Mateus, por exemplo, na escrita ou na oratória, havemos de citar também o seu nome, o capítulo do qual retiramos a citação e o versículo, ou versículos, que são todos numerados,

conforme podemos constatar no volume de O Novo testamento de *Nosso Senhor Jesus Cristo*. (itálico do original)

Da mesma forma havemos de proceder com os demais autores, isto é Marcos, Lucas e João. ⁽¹⁾ (Nas transcrições e no texto normal todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, avisaremos.)

Na ficha catalográfica, temos a informação de que na elaboração dessa obra Yvonne Pereira foi orientada e dirigida pelos Espíritos guias da médium, para o aprendizado dos iniciantes durante os serões no lar.

Entendemos que os Espíritos não estão para destruir conceitos e crenças que temos, podem corroborar as conclusões que chamamos, mas jamais interferir em algo que venha a diminuir, ou até extinguir, a fé das pessoas.

Queremos, logo de início, deixar bem claro que não temos a pretensão de ser melhor do que ninguém e, muito menos, por conta disso, condenar a quem quer que seja por sua posição religiosa.

A nossa intenção, fazemos questão de

ressaltar, é a de, simplesmente, divulgar a pesquisa, para que cada um a aproveite da forma que melhor lhe aprouver o que nós descobrimos.

Abrimos essa Introdução com uma frase, fecharemos com outra, a que usamos como epígrafe desse ebook: *“Sem crítica não há correção de erros, não há renovação de conceitos nem abertura de perspectiva para a evolução.”* (HERCULANO PIRES)
(²)

A origem de nosso interesse pelo tema

O que nos fez aflorar uma irresistível curiosidade de pesquisar esse assunto, ou seja, se os nomes nos títulos dos Evangelhos realmente correspondem aos seus verdadeiros autores, foi o teor do seguinte passo, constante do Novo Testamento:

Atos 4,13: *“Ao verem a intrepidez de Pedro e João, sabendo que eram homens **iletrados e incultos**, admiraram-se; [...].”* (Bíblia Shedd)

Como o pescador João, filho de Zebedeu e irmão de Tiago (o Maior), sendo um homem “*iletrado e inculto*”, poderia escrever um Evangelho tão rebuscado como o atribuído a ele e, ainda por cima, escrito na língua grega?

É preciso fazermos uma pequena digressão, nos propondo a uma pequena viagem no tempo. Vamos apresentar duas imagens ⁽³⁾, que facilitarão o entendimento do que comentaremos:

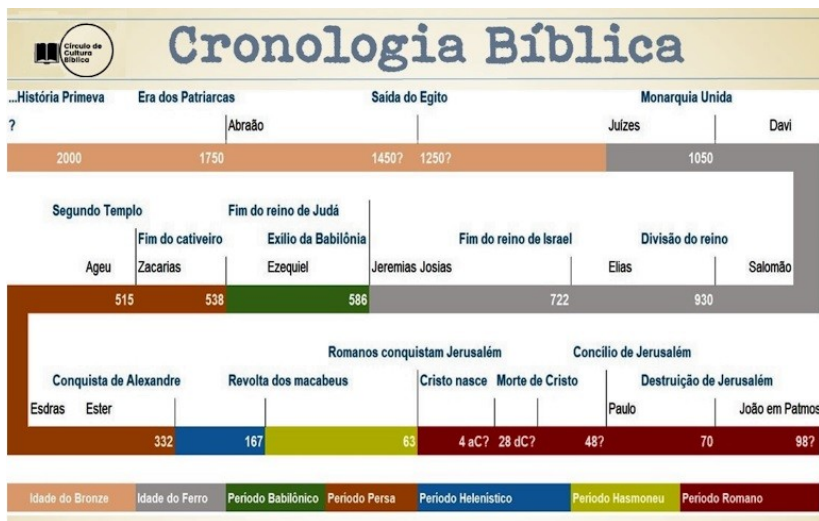


Fonte: VIDAL-NAQUET, Pierre; BERTIN, Jacques. *Atlas histórico: da Pré-História aos nossos dias*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1990. p. 39.

A origem dos hebreus é ligada a Abraão, que morava na cidade de Ur. Após uma revelação (Gênese 12,1) que lhe prometia uma região onde “corre leite e mel”, se dirigiu para Canaã, tendo ficado algum tempo na cidade de Haran.

De Haran, partiu para Canaã, e posteriormente para o Egito em razão de falta de alimentos na região. Nesse país, os seus descendentes ficaram cerca de 430 anos na escravidão. Libertador por Moisés, vagaram pelo deserto, até que finalmente chegam à Canaã, onde se estabelecem.

Fica evidente que, nesse período todo, o povo hebreu foi reconhecidamente nômade, cujo significado *Dicionário Online* é? “Pessoa que não tem habitação fixa; itinerante; Tribo ou etnia que não se fixa em lugares e vive mudando” ⁽⁴⁾



Posteriormente, esse povo foi exilado na Babilônia e após esse exílio passou por períodos de dominação estrangeira: “*assírios, caldeus, persas, macedônios e romanos.*” ⁽⁵⁾

A questão é: diante disso tudo, será que o povo hebreu edificou algum imóvel para servir de

“instituição educacional”? Para a resposta é imprescindível que se leve em conta todo esse contexto, desde o tempo de Abraão até a época de Jesus, e não aplicar ao passado a forma como a alfabetização ocorre nos dias atuais.

Retornando ao que estávamos dizendo, vejamos esta imagem (6):



Ao todo o Novo Testamento é composto de 27 livros, assim classificados quanto ao teor:

Conteúdo	Quant.	Perc.
Biográfico	04	14,8%
Histórico	01	3,7%
Cartas de Paulo	13	48,1%
Cartas autores diversos	08	29,7%
Profecia	01	3,7%
Total	27	100%

Os livros biográficos são os Evangelhos, que percentualmente não chegam ao nível das cartas de Paulo, que dominam o Novo Testamento. Certamente, que Paulo não as escreveu para serem tomadas à conta de “Escrituras”, pois apenas as usavam para fazer recomendações às igrejas as quais fundou. Aliás, é necessário informar que, nos dias atuais, somente 6 delas são consideradas pelos especialistas como de sua autoria: Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, 1 Tessalonicense e Filemon.

Em relação aos textos do Novo Testamento, há este ponto abordado pelo exegeta Bart D. Ehrman, ex-evangélico, considerado a maior autoridade em Bíblia do mundo, é Ph.D. em Teologia pela Princeton

University e especialista em Novo Testamento, igreja primitiva, ortodoxia e heresia, manuscritos antigos e na vida de Jesus, em **Como Jesus se tornou Deus**:

O cristianismo surgiu no império romano logo após a morte de Jesus, por volta do ano 30 d.C. A cultura grega impregnava por completo a metade do leste do império – tanto que **a língua comum do império no leste, a língua em que todo o Novo Testamento de fato foi escrito, era o grego**. Assim, para entender os pontos de vistas dos primeiros cristãos, precisamos situá-los em seu contexto histórico e cultural, o que significa os mundos grego e romano. [...]. ⁽⁷⁾

Fora isso, também se percebe em João, um dos filhos de Zebedeu, um palavreado bem acima do que se poderia esperar para um simples pescador (Mateus 4,18-22), sem a intenção de desmerecê-lo; mas isso é um fato histórico.

Observe, caro leitor, que também Pedro era “*iletrado e inculto*”, portanto, essa mesma linha de raciocínio, deve ser aplicada a ele, já que, no Novo Testamento, existem duas cartas, cuja autoria é

atribuída a ele.

Quanto a João, “*filho do trovão*”, além do Evangelho que leva o seu nome, existem duas cartas e o Apocalipse que são imputadas a ele.

Foi em Pepe Rodríguez, destacado jornalista de investigação, autor do livro ***Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada***, que percebemos que não estamos sozinhos nessa forma de pensar:

Com efeito, mesmo sendo-se profano na matéria, imagina-se dificilmente **como é que um pescador de carácter violento** ⁽⁸⁾ e, ainda por cima, inculto como era o apóstolo João possa ter escrito textos tão brilhantes e intelectuais como os joânicos, por muita *inspiração divina* que se lhe queira acrescentar. É evidente que os peritos não se ficaram pelas simples suspeitas. [...]. ⁽⁹⁾

Aliás, sempre estamos dizendo que só acreditam que ele, João Evangelista, foi o autor do quarto Evangelho, as pessoas que não buscam nenhuma informação fora daquilo que a sua Igreja

lhe recomenda ou, quiçá, determina.

São, como se diz: “ouvintes de um só sino”; e, por isso, não têm a mínima condição de saber se o sino que ouvem está afinado ou não.

Mas voltemos a Atos 4,13, para ver o seu teor nas várias traduções bíblicas de nossa biblioteca:

a) Traduções sem nota de rodapé

1 – Bíblia de Jerusalém (1987)

*“Ao verem a intrepidez de Pedro e de João, e verificando que eram **homens iletrados e sem posição social**, ficaram admirados. [...]”*

2 – Bíblia Thompson

*“Então eles, vendo a ousadia de Pedro e João, e informados de que eram **homens sem letras e indoutos**, se maravilharam, [...]”*

3 – Bíblia Sagrada – Ave-Maria

*“Vendo eles a coragem de Pedro e de João, e considerando que eram **homens sem estudos e sem instrução**, admiravam-se. [...]”*

4 – Bíblia Sagrada – Vozes

*“Vendo a coragem de Pedro e João e considerando que eram **homens simples e sem instrução**, admiravam-se, [...].”*

5 – Bíblia Sagrada – Santuário

*“Ao verem o desassombro de Pedro e João e percebendo que eram **homens iletrados e plebeus**, ficaram espantados. [...].”*

6 – Bíblia Sagrada – Paulinas (1957)

*“Vendo eles, pois, a constância de Pedro e de João, sabendo que eram **homens sem letras e do povo**, admiravam-se, [...].”*

7 – Bíblia Sagrada – Edição Pastoral

*“Eles ficaram admirados ao ver a segurança com que Pedro e João falavam, pois eram **pessoas simples e sem instrução**. [...].”*

8 – A Bíblia – TEB

*“Vendo a convicção de Pedro e de João e, apercebendo-se de que se tratava de **homens sem instrução, homens do povo**, estavam surpresos. [...].”*

9 – Bíblia Sagrada – SBTB

*“Então eles, vendo a ousadia de Pedro e João, e informados de que eram **homens sem letras e indoutos**, maravilharam-se [...].”*

10 – Bíblia Sagrada – NTLH

*“Os membros do Conselho Superior ficaram admirados com a coragem de Pedro e de João, pois sabiam que eram **homens simples e sem instrução**. [...].”*

11 – Bíblia Sagrada – SBB

*“Então eles, vendo a ousadia de Pedro e João, e informados de que eram **homens sem letras e indoutos**, se maravilharam; [...].”*

12 – Bíblia King James 1611

*“Ora, eles vendo a ousadia de Pedro e João, e percebendo que eles eram **homens iletrados e ignorantes**, se maravilharam, [...].”*

13 – Bíblia Mensagem de Deus – Novo Testamento

*“Em face desse desassombro de Pedro e João ficaram admirados, considerando que eram **gente analfabeta e simples**. [...].”*

14 – Bíblia – Vol. II: Novo Testamento: Apóstolos, Epístolas, Apocalipse

*“Vendo eles a ousadia de Pedro e de João – e percebendo que eram **homens comuns, analfabetos** – admiraram-se. [...].”*

b) Traduções com nota de rodapé

15 – Bíblia Barsa

*“Vendo eles, pois, a firmeza de Pedro, e de João, depois de saberem que eram **homens sem letras, e idiotas**, se admiraram, [...].”*

V. 13. *Sem letras*, i.e. sem o curso oficial das tradições rabínicas, **mas não quer dizer necessariamente que fossem analfabetos**. E *idiotas*, i.e. pertencentes à gente miúda, vulgar. Os discípulos se parecem com o Mestre, cf. João 7,15. ⁽¹⁰⁾

16 – Bíblia Textual

*“Vendo então a ousadia de Pedro e de João (e percebendo que eram **homens sem letras e indoutos**), se admiraram [...].”*

4.13. **sem letras...** Isto é, **sem uma formação acadêmica rabínica**. ⁽¹¹⁾

17 – Bíblia Shedd

*“Ao verem a intrepidez de Pedro e João, sabendo que eram **homens iletrados e incultos**, admiraram-se; [...].”*

4.13 *iletrados* (gr *agrammatos*, “analfabeto” **em comparação com os**

escribas) e incultos (gr *idiotai* “**leigos**”). Carecem de autoridade e cultura religiosas (cf Jo 7.15). As palavras eloquentes faladas pela inspiração do Espírito Santo causaram grande surpresa. [...]. ⁽¹²⁾

18 – Bíblia do Peregrino

*“Observando a ousadia de Pedro e João e constatando que eram **homens simples e iletrados**, admiravam-se; [...].”*

4,13-15: A primeira reação é de justificado desconcerto. A firmeza de Pedro, **o saber de homens sem estudo e a prova inegável do milagre** (cf. Lc 20,21), os impressionaram. A solução é deliberar a sós. ⁽¹³⁾

19 – Bíblia Anotada

*“Ao verem a intrepidez de Pedro e João, sabendo que eram **homens iletrados e incultos**, admiravam-se; [...].”*

4.13 *iletrados e incultos*: Esta frase indicava que Pedro e João **não tinham sido formalmente instruídos numa escola rabínica**; não eram eruditos profissionais ou professores ordenados (veja também Jo 7:15) ⁽¹⁴⁾

É oportuno acrescentarmos como, em **O Novo**

Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 3, Russel Norman Champlin (1933-2018) traduziu esse versículo e também como ele o explica:

4:13: Então eles, vendo a intrepidez de Pedro e João, e tendo percebido que eram **homens iletrados e indoutos, se admiravam; e reconheciam que eles estavam com Jesus.** (negrito do original)

“...homens iletrados...” Esse adjetivo realmente significa, em seu sentido primário, “incapaz de escrever”; porém, mui provavelmente, o que está em foco é que Pedro e João não haviam sido educados nas escolas rabínicas, como as famosas escolas encabeçadas pelos rabinos *Hilel* e *Shamai*. O mais certo é que a educação formal daqueles pescadores galileus não era grande coisa, a despeito de terem estudado coisas fundamentais como a leitura e a escrita. A referência especial, neste caso, sem dúvida diz respeito à cultura rabínica, e não à educação elementar dos apóstolos. Pedro não exibia o refinamento de linguagem que um rabino culto geralmente empregava; não obstante, os seus discursos e sermões era poderosíssimos, a ponto de haver deixado aqueles seus cultos juízes atônitos, embora não apreciassem a verdade da sua

mensagem. Esse termo é aplicado a Jesus, no trecho de João 7:15.

“Não haviam ‘os apóstolos’ sido criados aos pés dos doutos, em qualquer das escolas ou universidades dos judeus; não haviam sido treinados e nem estavam familiarizados com as pequenas distinções, argumentos sutis e decisões dos eruditos de sua época, quando interpretavam a lei de Moisés e as tradições dos anciãos”. (John Gill, *in loc.*).

“....e incultos...” Algumas traduções dizem, neste ponto, *ignorantes*. Mas não é esse o sentido da palavra. Pelo contrário, está em foco qualquer indivíduo destituído de conhecimento profissional, um leigo, ou seja, uma pessoa mal informada sobre qualquer assunto. É vocábulo frequentemente usado, no original grego, para indicar um homem sem posição elevada, como um soldado comum e não oficial do exército, um homem sem a cultura refinada das escolas. Fica aqui subentendido que os apóstolos pertenciam ao grupo dos *amhaarez*, o “povo da terra”, em contraste com os indivíduos profissionalmente treinados, como os escribas e os dirigentes eclesíásticos, que eram treinados nas minúcias da lei de Moisés. Foi acerca dessa classe popular que os fariseus disseram, de certa feita: “Quanto a esta plebe que nada sabe da lei, é maldita” (João 7:49). ⁽¹⁵⁾ (itálico do original)

Temos por hipótese que, quanto mais divergem as traduções dos textos bíblicos, no fundo, querem “esconder” algo que depõem contra algum dogma ou tradição da sua corrente religiosa.

Querer focar em que *“não tinham sido formalmente instruídos numa escola rabínica”* é tergiversar por falta de argumento consistente. Sugere que por anacronismo acreditam que naquela época a maioria da população frequentou uma escola, onde aprendeu a ler e escrever. Mas, por acaso, teriam aprendido a língua grega, na qual os textos do Novo Testamento foram escritos?

Ademais, as explicações dadas pelos tradutores aparece de tudo, até mesmo uma dizendo que certa tradução é equivocada. Essa “briga” é boa, aguardaremos para ver que a vence.

Em ***Quem Escreveu a Bíblia? Por Que os Autores da Bíblia Não São Quem Pensamos Que São***, no tópico “Simão Pedro, a antiga palestina e a alfabetização”, do capítulo 2 – Falsificações em nome de Pedro, Bart D. Ehrman nos passa estes importantes esclarecimentos, que não podemos

deixar de levar em conta:

O que sabemos sobre **alfabetização e capacidade de escrita no mundo antigo, em especial na Palestina rural**, onde Simão Pedro nasceu e foi criado? Estudiosos da Antiguidade foram diligentes nos últimos 25 anos, aproximadamente, em tentar entender todos os aspectos da alfabetização e da educação daquele tempo. Para o que é hoje um estudo clássico, o livro *Ancient Literacy*, de 1989, **William Harris, professor de história antiga da Universidade de Colúmbia, mostra que as suposições modernas acerca da alfabetização não se aplicam aos tempos antigos.** ⁽¹⁶⁾ Hoje, nos Estados Unidos modernos, vive-se em um mundo em que praticamente toda criança vai para a escola e aprende a ler e escrever. Praticamente todos que conhecemos sabem ler a página de esportes e copiar uma página de um romance caso queiram. **Mas o fenômeno da alfabetização disseminada e em massa é moderno.** Antes da Revolução Industrial, as sociedades não tinham boas razões para investir um enorme volume de dinheiro e outros recursos na criação de uma população alfabetizada. Apenas com o desenvolvimento do mundo industrial tal coisa se tornou ao mesmo tempo desejável e factível.

Harris argumenta que no mundo antigo, nas melhores épocas, apenas cerca de

10% da população era razoavelmente alfabetizada. Por “melhores épocas” ele quer dizer Atenas, um centro de conhecimento, no auge de seu poder intelectual, durante os dias de Sócrates e Platão (séculos V-IV a.C.). A maioria desses 10% era de homens, como esperado em uma sociedade patriarcal. E todos pertenciam às classes superiores, a elite social e econômica que tinha o tempo livre e o dinheiro (bem, seus pais tinham o dinheiro) para pagar uma educação. As pessoas das classes inferiores não aprendiam a ler, muito menos escrever. E a imensa maioria das pessoas no mundo antigo era das classes inferiores (para surpresa de muitos, a “classe média” é outra invenção da Revolução Industrial; no mundo antigo, quase todos eram de classe alta ou baixa, ou muito baixa). As únicas exceções notáveis eram os escravos, por natureza uma classe muito baixa, mas que algumas vezes eram educados pelos seus senhores para que pudessem cumprir tarefas domésticas que exigissem alfabetização, como cuidar das finanças da casa, ajudar na correspondência ou ensinar as crianças.

Quando digo que poucas pessoas sabiam ler, “muito menos escrever”, quero dizer algo muito significativo sobre o mundo antigo. Quando as pessoas das classes superiores eram educadas, ler e escrever eram atividades ensinadas como duas habilidades diferentes. ⁽¹⁷⁾ Hoje

aprendemos a ler e escrever ao mesmo tempo, e naturalmente supomos que, se a pessoa sabe ler, também pode escrever – não necessariamente escrever um romance, mas pelo menos uma carta. Mas isso se deve ao modo como organizamos nosso sistema educacional. Não há nada inerente a aprender a ler que necessariamente ensine a escrever. Sei disso muito bem. **Posso ler grego, hebraico, francês, alemão e uma série de outros idiomas**, mas não consigo redigir uma carta em nenhum deles. **Aprendi a ler todos eles na faculdade para poder ler documentos antigos na língua original**, e trabalhos acadêmicos modernos nos idiomas europeus. Mas nunca aprendi a escrever nesses idiomas.

A maioria das pessoas no mundo antigo não sabia ler. E aqueles que sabiam ler, com frequência, não sabiam escrever. E, nesse caso, com “escrever” quero dizer que a maioria das pessoas mesmo podendo copiar palavras – não conseguia compor uma sentença, muito menos um tratado com boa argumentação. Ao contrário, as pessoas capazes de compor um ensaio sobre ética, uma discussão filosófica erudita ou um tratado religioso intrincado eram pessoas muito educadas e muito excepcionais. E isso na melhor das hipóteses. De fato, muito poucas pessoas eram capazes dessas habilidades em um idioma que não aquele com o qual foram criadas. **Não estou dizendo que apenas 1% da população**

podia fazer tal coisa. Estou dizendo que muito menos que 1% da população podia fazer isso.

Algumas vezes acreditou-se que a Palestina era uma exceção, que nela todos os meninos judeus aprendiam a ler para poder estudar as Escrituras hebraicas, e que, como sabiam ler, provavelmente podiam escrever. Mais ainda, costuma-se argumentar que na Palestina a maioria dos adultos era bilíngue ou mesmo trilingue, capaz de ler hebraico, falar o idioma local, aramaico, e se comunicar bem no idioma do império ampliado, o grego. Contudo, **recentes estudos sobre a alfabetização na Palestina mostraram que nenhuma dessas afirmativas é verdadeira.**

O estudo mais completo, mais extensamente pesquisado e mais amplamente influente sobre a **alfabetização na Palestina** na época do Império Romano é o de Catherine Hezser ⁽¹⁸⁾. Após estudar todas as evidências, Hezser conclui que, na Palestina romana, **a melhor estimativa é que algo em torno de 3% da população fosse capaz de ler, e que a maioria desses viveria em cidades e vilas maiores.** A maior parte das pessoas fora das áreas urbanas dificilmente teria visto, algum dia, um texto escrito. **Algumas cidades menores e aldeias poderiam ter um índice de alfabetização em torno de 1%. Ademais, essas pessoas alfabetizadas eram quase**

sempre a elite das classes superiores. Aqueles que aprendiam a ler liam hebraico, não grego.

E ainda por cima, de novo, muito mais pessoas podiam ler em vez de escrever. As pessoas que sabiam escrever eram principalmente homens do sacerdócio. Durante todo o século I d.C. (a época de Jesus e Simão Pedro), **temos certeza de apenas dois autores na Palestina que produziram obras literárias** (isto é, composições cultas que não documentos fiscais, transferências de terras ou certidões de casamento etc.): **o historiador judeu Josefo e um homem chamado Justo de Tiberíades.** Ainda temos os escritos de Josefo, mas os de Justo não sobreviveram. Os dois homens eram dos escalões superiores da sociedade, e ambos atipicamente bem-educados. Não temos conhecimento de qualquer outro autor literário ao longo de todo o século. **Seria Pedro da mesma classe de Josefo e Justo? Não, nem de longe.**

E quanto à educação em grego na terra em que Pedro nasceu e foi criado? Algumas vezes se imagina que, como a **Galileia**, a região norte do que hoje chamamos de Israel foi eventualmente chamada de “Galileia dos gentios”, ela **era repleta de gentios** na época de Jesus e Pedro. E, **segundo um tipo comum de lógica, se havia muitos gentios na Galileia, deviam falar grego; em**

nome da convivência, todos tinham de falar grego. Mas isso também não é verdade.

[...].

Resumindo, a cidade de Pedro era uma aldeia judaica atrasada, composta de trabalhadores miseráveis que não tinham educação. Todos falavam aramaico. Nada sugere que alguém soubesse falar grego. Nada sugere que alguém na cidade soubesse escrever. **Como pescador de classe baixa, Pedro teria começado a trabalhar quando criança e sem nunca frequentar uma escola.** De fato, é provável que não houvesse escola ali; se houvesse uma, ele provavelmente não a frequentava; e, se frequentasse, teria sido para receber uma educação rudimentar para ler hebraico. Mas isso provavelmente não aconteceu. **Pedro era um camponês analfabeto.**

Na verdade, isso não deveria ser surpresa. Há no Novo Testamento evidências do nível de educação de Pedro. **Segundo Atos 4,13, Pedro e seu companheiro João, também pescador, eram *agrammatoi*, uma palavra grega que significa literalmente “iletrados”, ou seja, “analfabetos”.** ⁽¹⁹⁾

A confirmação de que Pedro e João devem ser considerados “*literalmente ‘iletrados’, ou seja, ‘analfabetos’*”, vem ao encontro da realidade da

época.

Ademais, a informação sobre o nível de alfabetização dos que habitavam a Palestina na época de Jesus é importante, uma vez que, em razão disso, se pode muito bem concluir que assiste razão aos que questionam as autorias dos livros bíblicos buscando descobrir quem foram, de fato, os seus verdadeiros autores. Também corrobora o que havíamos pensado, tomando por base Atos 4,13, a respeito de João e Pedro serem analfabetos.

Da obra ***Justino, Mártir, Santo Justino de Roma: I e II Apologias: Diálogo com Trifão***, destacamos o seguinte trecho: “Com efeito, de Jerusalém saíram doze homens pelo mundo, e estes ***ignorantes*** e incapazes de eloquências.” ⁽²⁰⁾. Essa tradução parece que tenta esconder alguma coisa; vejamos em outra fonte ⁽²¹⁾:



Nessa tradução apresentada pelo Prof. Jonathan Matthies, professor de História e tradição religiosa judaico-cristã ⁽²²⁾, os doze discípulos eram **analfabetos** e incapazes de eloquência, certamente mais conforme a realidade cultural daquele tempo.

No livro ***Jesus: Uma Biografia Revolucionária*** (1994), o teólogo John Dominic Crossan, “conhecido por ser o co-fundador do controverso Jesus Seminar ⁽²³⁾, é uma figura importante no campo da arqueologia bíblica, antropologia, Novo Testamento e Alta Crítica” ⁽²⁴⁾, explica-nos:

Se Jesus era carpinteiro, portanto, ele pertencia à classe dos Artesãos, esse grupo empurrado para o perigoso espaço entre os Camponeses e os Degradados ou Dispensáveis. Saliento que qualquer decisão sobre a classe sócio-econômica de Jesus deve ser tomada não em termos da teologia cristã, mas da antropologia intercultural, não em termos daqueles interessados em exaltar Jesus, mas em termos daqueles que sequer pensam na existência dele. Além do mais, já que entre 95 e 97% do estado judaico eram analfabetos na época de Jesus, deve-se supor que Jesus também era analfabeto, que ele conhecia, como a ampla maioria de seus contemporâneos de uma cultura oral, as narrativas fundacionais, histórias básicas, e expectativas gerais de sua tradição, mas não os textos exatos, citações precisas ou argumentações intrincadas de suas elites de escribas. **Cenas, em outras palavras, como em Lucas 2,41-52, em que a sabedoria jovem de Jesus** espanta seus cultos mestres no Templo em Jerusalém, ou Lucas 4.1-30, em que **sua capacidade adulta para encontrar e interpretar uma certa passagem de Isaías** espanta seus companheiros aldeões na sinagoga em Nazaré, **devem ser vistas claramente pelo que são:** propaganda de Lucas reformulando o desafio e o carisma orais de Jesus em termos de instrução e exegese de escriba.

(²⁵)

Sinceramente, acreditamos na enorme possibilidade de “*Jesus também ser analfabeto*”, um ponto bem interessante que a esmagadora maioria dos crentes não leva em consideração, por estar acostumada aos tempos atuais onde ocorre o contrário, ou seja, os analfabetos estão em minoria.

No site ***Brasil Escola***, temos a informação de que “A taxa de analfabetismo no mundo, em 2021, foi estimada pela Unesco em cerca de 14%” ⁽²⁶⁾.

E para bem situarmos no contexto da época, ampliaremos a questão da alfabetização, recorremos a Reza Aslan, especialista em temas religiosos, em ***Zelota: a Vida e a Época de Jesus de Nazaré*** (2013), nos informa:

[...] o que a tradição diz ser a ocupação de Jesus: um *tekton* – um carpinteiro ou construtor – [...] Se essa informação é verdadeira, então, como um trabalhador artesanal e diarista, Jesus teria pertencido à classe mais baixa de camponeses na Palestina do século I, um pouco acima do indigente, do mendigo e do escravo. Os romanos usavam o termo *tekton* como gíria para qualquer camponês ignorante ou analfabeto, e Jesus foi muito provavelmente

as duas coisas.

As taxas de analfabetismo na Palestina do século I eram incrivelmente altas, sobretudo entre os pobres. **Estima-se que cerca de 97% dos camponeses judeus não sabiam ler nem escrever,** um número não inesperado para as sociedades predominantemente orais como a em que Jesus viveu. [...]. ⁽²⁷⁾

Assim, temos que o grosso dos judeus não sabiam ler nem escrever. Não vemos razão para que os seguidores de Jesus não representassem o comum do povo.

Interessante que não raro encontramos uma linha de raciocínio, muitas vezes até simples, que demonstram a fragilidade de certos argumentos. Esse é o caso do escritor Fernando Guedes de Mello, que na obra **Reencontro Cristão: Reflexões Para o Cristianismo do Terceiro Milênio**, no tópico “Transfiguração” do cap. João Evangelista, explica:

Deixamos mais para o final o evento que, a nosso ver, **é o xeque-mate na questão da autoria do Quarto Evangelho.** Trata-se do episódio da Transfiguração, tal como é descrito nos evangelhos sinópticos (Mt 17,1-

8; Mc 9,2-8; Lc 9,28-36). Todos eles são unânimes em afirmar que Pedro, Tiago e João, e só os três, estiveram presentes na ocasião. **Dos quatro evangelistas “oficiais”, João era o único presente. Se fosse ele o autor do Quarto Evangelho, mais do que qualquer outro, teria certamente feito referência a tão magno acontecimento.** Acontece que, dos quatro evangelhos canônicos, ele **é o único que não faz qualquer referência ao episódio.** Donde se conclui que... ⁽²⁸⁾

Sim, não há dúvida que o xeque-mate foi dado ao estabelecer, com base na lógica, que João, de fato, não foi o autor do quarto evangelho. Fora isso, ainda temos que levar em consideração a questão das datas em que foram escritos cada um deles. É o que faremos no próximo capítulo.

Quando os Evangelhos foram escritos e como os escolheram

Esses dois pontos são importantes no resultado dessa pesquisa que nos empreendemos, porquanto, existe uma influência direta deles na questão da autoria dos Evangelhos.

Bart D. Ehrman, em *Como Jesus se Tornou Deus*, esclarece-nos que:

Os estudiosos geralmente datam os Evangelhos do Novo Testamento da última parte do século 1. A maioria concorda que Jesus morreu por volta do ano 30 d.C. **Marcos** foi o primeiro Evangelho escrito provavelmente por volta de **65-70 d.C.**; **Mateus e Lucas** foram escritos cerca de quinze a vinte anos depois, aproximadamente em **80-85 d.C.**; e **João** foi escrito por último, por volta de **90-95 d.C.** O que importa aqui é o hiato envolvido. **O primeiro relato sobrevivente da vida de Jesus foi escrito trinta e cinco a quarenta anos depois da morte dele. O último Evangelho canônico foi escrito a sessenta a sessenta e cinco anos depois de sua**

morte. Obviamente é um bocado de tempo.

Se os autores não foram testemunhas oculares, não eram da Palestina e sequer falavam a mesma língua de Jesus, de onde tiraram as informações? [...] As “testemunhas” cristãs primitivas de Jesus tinham de persuadir as pessoas de que Jesus realmente era o messias de Deus, e para isso tinham que contar histórias sobre ele. Foi o que fizeram. Contaram histórias sobre o que aconteceu no fim da vida dele – a crucificação, o túmulo vazio, as aparições dele vivo para os seguidores depois disso. Também contaram histórias de sua vida antes desses acontecimentos finais – o que ele pensava, os milagres que operou, as controvérsias que teve com os líderes judeus, sua detenção e julgamento e coisas do tipo.

[...] Contar histórias era a única forma de se comunicar antes da comunicação de massa, da cobertura pela mídia nacional e até mesmo de níveis significativos de alfabetização (naquele tempo apenas cerca de 10% da população sabiam ler e escrever; portanto, **a maior parte da comunicação era oral**).

No entanto, **quem então contava as histórias sobre Jesus?** Só os apóstolos? Não pode ter sido apenas os apóstolos. **Apenas pessoas autorizadas pelos apóstolos? Sem chance.** Apenas pessoas que checaram os fatos para garantir que não

havia mudado nada das histórias e que recontavam só o que realmente havia acontecido, do jeito que havia acontecido? Como poderiam fazer isso? **As histórias eram contadas pelo boca a boca, ano após ano, década após década, entre montes de gente de diferentes partes do mundo, em diferentes idiomas**, e não havia como controlar o que uma pessoa dizia para outra a respeito das palavras e ações de Jesus. **Todo mundo sabe o que acontece com histórias que circulam dessa forma. Detalhes mudam, episódios são inventados, acontecimentos são exagerados, relatos impressionantes ficam ainda mais impressionantes, e por aí vai.**

Um autor enfim ouviu as histórias em sua igreja – digamos que “Marcos” na cidade de Roma. E ele escreveu o relato. Então, dez ou quinze anos mais tarde, outro autor em outra cidade leu o relato de Marcos e decidiu escrever o seu, em parte baseado em Marcos, e em parte baseado nas histórias que ouviu em sua própria comunidade. E os Evangelhos começaram a surgir.

São esses os Evangelhos que temos hoje. Ao longo de trezentos anos ou mais, especialistas têm estudado os textos nos mínimos detalhes, e um dos resultados garantidos dessa investigação intensiva é que **os Evangelhos possuem numerosas discrepâncias, contradições e problemas**

históricos. ⁽²⁹⁾ ⁽³⁰⁾

É por demais óbvio a qualquer um que determinado fato divulgado pelo “*telefone sem fio*” será modificado ao longo de suas várias “transmissões”.

De ***A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã***, Julio Trebolle Barrera, tomamos as datas em que foram escritos os Evangelhos: Marcos (anos 65-70), Mateus (anos 70/80), Lucas (anos 70/80) e João (anos 90) ⁽³¹⁾.

Percebe-se, portanto, uma pequena divergência entre as datas mencionadas por Bart D. Ehrman e Julio T. Barrera, mas não se trata de algo significativo para nosso estudo.

Se, como dito, os Evangelhos foram escritos entre 35 a 65 anos após a morte de Jesus, é bem provável que os discípulos, que o acompanhavam, já tivessem morrido.

De Shimon Gibson, arqueólogo britânico que vive na Carolina do Norte, onde é professor de Prática no Departamento de História da Universidade

da Carolina do Norte em Charlotte ⁽³²⁾, autor de *A Gruta de São João Batista*, temos a informação de que “naquele tempo a média de vida de um homem era de quarenta anos.” ⁽³³⁾

Tempo esse que poderá ser corroborado nos artigos: a) “Qual era a longevidade no tempo de Jesus, na Palestina?”, de autoria de Odalberto Domingos Casonatto, publicado no site *aBíblia.org*. ⁽³⁴⁾ e b) “Qual era a expectativa de vida no tempo de Jesus Cristo?”, pelo editor do *OCP New Joinville* ⁽³⁵⁾.

Vamos supor que tenham sido convidados para entrar para o grupo de discípulos de Jesus, cada um deles já fosse um homem maduro. Assim, vamos presumir uma idade de 20 anos para o autor do primeiro Evangelho, que somados aos da expectativa de vida, dariam 65 anos, que representaria um tempo menor do que o intervalo dos 65-70 anos, período que se estima ter sido escrito. Assim, cada um dos autores já teria morrido quando foi “escrito” o Evangelho atribuído a ele. Nesta imagem, essa nossa explicação ficará mais clara:



Então, poderíamos estimar que o primeiro Evangelho, o de Marcos, surgiu cerca de 25 anos depois da morte de quem dizem ser seu autor.

Com esses dados, vejamos algo bem interessante, não podemos deixar de mencioná-lo, que Bart D. Ehrman, em ***Quem Escreveu a Bíblia? Por Que os Autores da Bíblia Não São Quem Pensamos Que São***, fornece:

Os autores dos evangelhos, cada um a seu modo, parecem retratar a história de Jesus como uma continuação da história do povo de Deus, Israel. Ele é a realização de tudo que foi antecipado pelos autores e profetas do Antigo Testamento. Faz sentido que esses autores dos evangelhos permaneçam anônimos, pois **os escritores da história bíblica eram quase sempre anônimos.**

O anonimato dos escritores dos evangelhos foi respeitado durante décadas. **Quando os evangelhos do Novo**

Testamento eram referidos ou citados por autores do começo do século II, nunca eram intitulados, nunca nomeados. Mesmo Justino Mártir, escrevendo por volta de 150-160 d.C., cita versículos dos evangelhos, mas não indica que eles tinham nomes. Para Justino, esses livros eram conhecidos coletivamente como as “Memórias dos apóstolos”. Cerca de um século após os evangelhos começarem a circular, eles foram definitivamente chamados de Mateus, Marcos, Lucas e João. Isso acontece pela primeira vez nos escritos do pai da Igreja e futuro heresiólogo Ireneu, por volta de 180-185 d.C. ⁽³⁶⁾

Como se vê, os Evangelhos os nomes Mateus, Marcos, Lucas e João só passaram a fazer parte dos títulos por volta de 180-185 d.C., provando que, na sua origem, não constavam dos títulos, uma vez que eram simplesmente *“conhecidos coletivamente como as ‘Memórias dos apóstolos’”*.

Retornando essa obra de Bart D. Ehrman, ele ainda nos explica o seguinte:

[...] O outro tipo de escrito pseudônimo envolve um livro que circula sob o nome outra pessoa, normalmente uma figura com

alguma autoridade que, imagina-se, é bem conhecida pelo público leitor. Para esse tipo especial de escrita pseudônima, **usarei o termo técnico “pseudoepigráfico” (literalmente, escrito sob nome falso)**. Portanto, um escrito pseudoepigráfico é aquele que alegadamente escrito por uma pessoa famosa, bem conhecida ou de autoridade, mas que, na verdade, não o escreveu.

[...].

O outro tipo de pseudoepigrafia envolve uma espécie de fraude intencional por parte do autor. É quando **um autor escreve uma obra alegando ser outra pessoa. É o que chamo de falsificação**. Minha definição de *falsificação*, portanto, é um texto que alega ser escrito por alguém (uma pessoa conhecida) que, na verdade, não o escreveu. ⁽³⁷⁾ (itálico do original)

Assim, fica esclarecido que os nomes dos títulos dos Evangelhos são nomes falsos, por serem pseudoepigráficos, o que, segundo o pensamento palavras de Bart D. Ehrman, são, “na lata”, falsificações.

As informações que encontramos, no decorrer de nossa pesquisa, não há como não as repassar, por

serem muito curiosas e, jamais julgávamos que o critério de escolha dos quatro Evangelhos tivesse ocorrido de forma tão inusitada.

O nosso problema é que, distanciados que estamos das origens dos fatos, a maioria de nós, não faz a menor ideia de como isso ocorreu.

Aliás, muitos até pensam que o Novo Testamento, no qual estão contidos os Evangelhos, sempre teve, desde o “nascledouro”, o mesmo formato como o conhecemos hoje. Julgam-no nessa configuração a partir de quase imediatamente após a morte de Jesus.

Vejamos agora como teria ocorrido a escolha dos quatro Evangelhos, segundo o que nos relatam alguns pesquisadores e estudiosos.

O escritor Tom Harpur (1929-2017), em ***Transformando Água em Vinho: Uma Visão Profunda e Transformadora Sobre os Evangelhos***, apresenta-nos algo bem curioso e inusitado:

Por que a Igreja escolheu quatro

Evangelhos, e não três ou seis ou oito? Irineu, bispo de Lyon por volta de 190 d.C., disse que os Evangelhos tinham de ser quatro porque há quatro ventos e quatro direções. Geralmente, os estudiosos sorriem com indulgência diante dessa explicação, mas há um motivo sólido, embora esotérico, por trás da escolha. **Para os antigos, o número quatro era fundamental em toda a estrutura da vida e do Universo.** O quadrado, com seus quatro lados, era a base de qualquer outra elaboração em todos os edifícios, inclusive as Pirâmides. Havia quatro estágios principais da evolução: mineral, vegetal, animal e humano. Além disso, havia os quatro elementos básicos: água, terra, ar e fogo. [...]. ⁽³⁸⁾

Pepe Rodríguez, em **Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada**, no capítulo intitulado “O Novo Testamento, na sua quase totalidade, não foi redigido por apóstolos, mas por compiladores que não conheceram pessoalmente Jesus”, nos dá a seguinte informação:

A seleção dos evangelhos canônicos foi feita no concílio de Niceia (325) e ratificado no de Laodiceia (363). **O modus operandi**,

ou o processo utilizado, para distinguir entre textos *verdadeiros* e *falsos*, foi, segundo a tradição, o da “eleição milagrosa”. Foram apresentados, de facto, quatro versões para justificar a preferência pelos quatro livros canónicos: 1) depois de os bispos terem rezado muito, os quatro textos voaram por si sós e foram pousar-se sobre um altar; 2) puseram todos os evangelhos em competição sobre um altar e os apócrifos caíram ao chão, enquanto os canónicos não se mexeram; 3) depois de escolhidos, os quatro foram colocados sobre o altar e foi pedido a Deus que se neles houvesse qualquer palavra falsa os fizesse cair ao chão, o que não sucedeu com nenhum deles; 4) o Espírito Santo, na forma de uma pomba, penetrou no recinto de Niceia e pousando no ombro de cada bispo sussurrou a cada um deles quais eram os evangelhos autênticos e quais os apócrifos. Esta última versão revelaria, além do mais, que uma boa parte dos bispos presentes no concílio eram surdos ou muito incrédulos, visto ter havido grande oposição à selecção – por voto maioritário, que não unânime – dos quatro textos canónicos actuais. ⁽³⁹⁾

Em sua obra ***Jesus Esse Grande Desconhecido***, Juan Arias, escritor e jornalista, cursou teologia, filosofia, psicologia, línguas semíticas e filosofia comparada na Universidade de

Roma, tendo sido, durante quatorze anos, correspondente na Itália e no Vaticano para o jornal espanhol *El País* confirma essa informação de Rodríguez, falando a mesma coisa:

A história de como os quatro evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas e João foram escolhidos pela Igreja como autênticos e inspirados dentre os mais de cem que então existiam é muito interessante. **Um dos critérios da escolha foi o dos milagres.** Segundo a Igreja, alguns dos prodígios dos evangelhos apócrifos eram pouco sérios ou muito fantasiosos. Mas houve outros motivos para decidir que somente os quatro evangelhos escolhidos tinham sido inspirados pelo Espírito Santo e os outros não.

Os quatro foram escolhidos entre cerca de sessenta. Santo Irineu, no ano 205, assim o explicou: “O Evangelho é o pilar da Igreja. A Igreja está espalhada pelo mundo inteiro e **o mundo tem quatro regiões.** Convém, portanto que existam quatro evangelhos”. E também: “O Evangelho é o sopro do vento divino da vida para os homens, e, assim como **existem quatro pontos cardeais,** também devem existir quatro evangelhos”. Além disso, “o Verbo criador do Universo reina e brilha sobre os querubins, e **os querubins têm quatro formas,** por isso o Verbo obsequiou-nos com quatro

evangelhos”. Curiosamente, os quatro escolhidos só foram aceitos pelos Padres da Igreja pouco antes de serem declarados inspirados.

A decisão oficial foi tomada no Concílio de Niceia do ano 325, graças a um milagre, como se conta na obra intitulada *Libelus syndicus*. **O milagre foi que, dentre todos os evangelhos que existiam, os quatro que conhecemos hoje como inspirados foram voando sozinhos até o altar.**

Outra versão diz que colocaram todos os evangelhos existentes sobre o altar e os apócrifos foram caindo no chão, só permanecendo os quatro escolhidos como autênticos. **Uma terceira versão conta** que o Espírito Santo entrou no Concílio de Niceia sob a forma de pomba através de uma janela, sem quebrar o vidro. Lá estavam reunidos todos os bispos. A pomba pousou no ombro de cada bispo, dizendo-lhe ao ouvido em voz baixa quais eram os quatro evangelhos inspirados. E eram os de Marcos, Mateus, Lucas e João. ⁽⁴⁰⁾

Tudo isso pode, ainda, ser corroborado em Maria Helena de Oliveira Tricca (1940-1997), na obra ***Apócrifos: Os Proscritos da Bíblia***, que cita como sua fonte Fabricius, J. A. - *Codex Apocryphus Novi Testamenti* (Hamburgo, 1719). ⁽⁴¹⁾

São três fontes distintas apontando para uma escolha “milagrosa”; porém, seja lá qual tenha sido esse processo, não nos resta dúvida de que os teólogos que os escolheram não se pautaram em nenhum critério técnico, mas, literalmente, apelaram para a sorte. Mesmo assim, as igrejas cristãs tradicionais querem fazer-nos acreditar que foram inspirados. E ainda temos a informação, muito oportuna, de Muhammad Àta Ur-Rahim, em *Jesus, Um Profeta do Islão*, de que:

[...] a escolha de quatro Evangelhos oficiais, de entre **os cerca de trezentos existentes** nessa altura na Igreja; **foi também ordenado que os restantes Evangelhos, incluindo o de Barnabé, fossem completamente destruídos**, assim como os Evangelhos escritos em Hebraico; foi ainda publicado um édito, declarando que quem fosse encontrado na posse de um Evangelho não autorizado seria condenado à morte. [...]. ⁽⁴²⁾

Não há dúvida alguma de que foi, literalmente, queima de arquivo.

E, quanto ao Novo Testamento em si, vejamos

em ***O Que Jesus disse? O Que Jesus Não Disse?: Quem Mudou a Bíblia e Por Quê***, o testemunho do ex-evangélico Bart D. Ehrman:

[...] Hoje, **muitos cristãos podem achar que o cânon do Novo Testamento simplesmente surgiu um dia, logo, após a morte de Jesus... nada mais distante da verdade.** Tendo isso claro, podemos identificar **a primeira vez em que um cristão listou os vinte e sete livros do nosso Novo Testamento** – nem mais, nem menos. Por mais surpreendente que possa parecer, esse cristão escrevia **na segunda metade do século IV, mais ou menos trezentos anos depois que os livros do Novo Testamento tinham sido escritos. O autor foi um poderoso bispo de Alexandria chamado Atanásio. No ano 367 E.C.,** Atanásio escreveu uma carta pastoral anual às igrejas egípcias sob sua jurisdição e, nela, incluiu um conselho acerca de quais livros deveriam ser lidos como escrituras nas igrejas. Ele relaciona nossos vinte e sete livros, com exclusão de todos os demais. Essa é a primeira instância que chegou ao nosso conhecimento de alguém declarando que esse nosso conjunto de livros era o Novo Testamento. ⁽⁴³⁾

Então, concluímos que mesmo depois da

escolha dos quatro evangelhos, levou-se algum tempo para que o cânon do Novo Testamento fosse definido no formato que o conhecemos hoje.

Os textos dos Evangelhos são os dos originais?

Iniciaremos apresentando três fontes que nos oferecem referências sobre língua em que os Evangelhos foram escritos:

1ª) Bart D. Ehrman, em ***Jesus Existiu ou Não?***:

[...] A língua nativa de Jesus, de seus discípulos e da maioria do povo na Palestina era o aramaico. **Os Evangelhos, porém, não foram escritos em aramaico, mas em grego.** E grego de bom nível, altamente proficientes. **Os autores dos Evangelhos eram falantes e escritores em grego, excepcionalmente cultos.** Deviam ser de classes relativamente altas, quase certamente de áreas urbanas fora da Palestina. [...]. ⁽⁴⁴⁾

2ª) Geza Vermes, em ***O Autêntico Evangelho de Jesus:***

Como toda as fontes antigas, eles devem ser submetidos a uma análise crítica se quisermos captar a realidade e o significado autêntico dos eventos e ensinamentos neles contidos. Idealmente, essa análise deveria ser aplicada à língua original dos ensinamentos de Jesus, que falava aramaico. O aramaico era língua semítica empregada pela maioria dos seus compatriotas, e tem um parentesco íntimo com o hebraico, a língua da Bíblia Judaica (o Velho Testamento). Entretanto, **os nossos quatro Evangelhos sobreviveram em grego, e os estudiosos são unânimes em afirmar que foram compostos diretamente em grego; eles não são traduções de um original semítico. [...].** ⁽⁴⁵⁾

3ª) Frederico Lourenço, em ***Bíblia, Novo Testamento: os Quatro Evangelhos:***

Em grego foram originalmente escritos todos os 27 livros que integram o Novo Testamento, assim como sete do Antigo Testamento que encontramos nas Bíblias organizadas segundo o cânone católico: Tobias, Judite, Sabedoria de Salomão, Eclesiástico (Ben Sira), Baruc, 1º Livro dos Macabeus 2º Livro dos Macabeus. Os restantes 39 livros do Antigo Testamento do cânone católico foram escritos originalmente em **hebraico** (com algumas frases

desgarradas em **aramaico** nos livros do Gênesis de Jeremias e de Esdras, assim como uma seção mais relevante nesta língua no livro de Daniel). ⁽⁴⁶⁾ (grifo nas línguas é do original)

Em algumas transcrições, logo à frente, também encontraremos a informação sobre os Evangelhos terem sido escritos em língua grega o que corrobora o dito acima por Ehrman, Vermes e Lourenço. E quando lá se referir a manuscritos, não se deve esquecer que eles foram escritos em grego.

Dito isso, vamos ao ponto mais importante a ser esclarecido, que é a proposta deste tópico, ou seja, saber se os Evangelhos, que atualmente manuseamos, são, verdadeiramente, oriundos dos textos originais.

Por que motivo é preciso definir isso? Porque, se não em todas, certamente, na grande maioria das traduções isso é dito. Nas pregações dos líderes religiosos das correntes cristãs tradicionais, tal referência é afirmada e reafirmada milhares de vezes, sem o menor constrangimento.

Juan Arias, sem meias palavras, em ***Jesus***

Esse Grande Desconhecido, diz: “Em primeiro lugar, as versões originais não existem.” ⁽⁴⁷⁾

O professor Julio Trebolle Barrera, doutor em teologia, licenciado em Filosofia Pura e Ciências Bíblicas, informa-nos, em **A Bíblia judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia**, que “Os autógrafos dos livros do NT perderam-se para sempre”. ⁽⁴⁸⁾

Bart D. Ehrman, em seu livro **O Que Jesus Disse? O Que Jesus Não Disse?**, afirma o seguinte:

[...] Eu sempre voltava a meu questionamento básico: de que nos vale dizer que a Bíblia é a palavra infalível de Deus se, de fato, não temos as palavras que Deus inspirou de modo infalível, mas apenas as palavras copiadas pelos copistas – algumas vezes corretamente, mas outras (muitas outras!) incorretamente? De que vale dizer que os autógrafos (isto é, os originais) foram inspirados? Nós não *temos* os originais! **O que temos são cópias eivadas de erros, e a vasta maioria delas são centúrias retiradas dos originais e diferentes deles**, evidentemente, em milhares de modos. ⁽⁴⁹⁾

[...] Uma coisa é dizer que os originais foram inspirados, mas a verdade é que não temos os originais. Então, dizer que eles foram inspirados não me serve de grande coisa, a não ser que eu possa **reconstruir os originais**. E além disso, a vasta maioria dos cristãos, em toda a história da Igreja, não teve acesso aos originais, fazendo de sua inspiração um objeto de controvérsia. **Nós não apenas não temos os originais, como não temos as primeiras cópias dos originais**. Não temos nem mesmo as cópias das cópias dos originais, ou as cópias das cópias das cópias dos originais. **O que temos são cópias feitas mais tarde, muito mais tarde. Na maioria das vezes, trata-se de cópias feitas séculos depois. E todas elas diferem umas das outras em milhares de passagens.** ⁽⁵⁰⁾

Na **Bíblia de Jerusalém**, quando da Introdução relativa aos Evangelhos sinóticos – Mateus, Marcos e Lucas –, os tradutores tecem várias considerações; dentre elas, destacamos:

[...] **Conhecemos atualmente mais de 2000 manuscritos gregos** escritos em pergaminho que nos dão o texto dos evangelhos sinóticos, escalonando-se entre o quarto e o décimo séculos. Todos esses

manuscritos oferecem entre si variantes de minúcias. **Os textos que usamos atualmente, seja para estudar os Sinóticos, seja para traduzi-los nas línguas modernas, são os dois mais antigos desses manuscritos: o Sinaítico, proveniente do mosteiro de Santa Catarina do Sinai, hoje conservado do Museu Britânico, e sobretudo o Vaticano, conservado na Biblioteca Vaticana. Ambos são datados de meados do séc. IV. [...].** ⁽⁵¹⁾

Vê-se, portanto, que embora dizendo que as traduções são fiéis aos originais, esses originais, nos quais se baseiam, não são, verdadeiramente, originais, pois nenhum dos seus autores, sejam eles quem forem, viveu até o **século IV**, como informado, para contar a história que consta dos Evangelhos.

Sobre a quantidade de manuscritos, julgamos por bem colocar esta informação de Julio T. Barrera no seu livro ***A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia***:

O NT teve uma influência sobre a cultura do Ocidente muito superior a qualquer outro livro da Antiguidade. Seu texto, por isso, nos chegou com uma quantidade de cópias

incomparavelmente maior do que nenhuma outra obra do mundo clássico. **Conhecem-se cerca de 5.000 manuscritos gregos do NT, aos quais é preciso acrescentar uns 10.000 manuscritos das distintas versões antigas**, assim como milhares de citações nos Padres da Igreja. **Todo esse material (manuscritos, versões e citações) contém um número de variantes calculado entre 150.000 a 250.000 ou até maior.** Não existe uma só frase do NT que a tradição manuscrita não tenha transmitido com alguma variante. ⁽⁵²⁾

Como trabalhar num emaranhado desse? Além disso, sabe-se que os Evangelhos não deixaram de sofrer acréscimos, conforme, mais à frente, nos conta Julio T. Barrera:

[...] Também é certo que a ortodoxia da Grande Igreja tendia a eliminar ou a modificar aquelas expressões que por alguma razão resultavam inaceitáveis, e a introduzir, ao invés, no texto, **novos elementos** com o fim de apoiar uma determinada doutrina, prática litúrgica ou costume moral. ⁽⁵³⁾

Bom, a pergunta que se deve fazer é: será que

os textos atuais refletem mesmo os que foram escritos pelos seus autores?

Informações sobre os seus autores

Dividiremos esse tópico em dois; no primeiro traremos o que alguns tradutores disseram e no outro o que estudiosos e exegetas pensam a respeito disso ou de alguma coisa relacionada ao conteúdo dos Evangelhos.

Mas antes de iniciarmos os tópicos, vamos nos situar melhor trazendo Bart D. Ehrman, um dos exegetas que será mencionado, que, em *Como Jesus se Tornou Deus*, nos esclarece:

Para começar, há uma possibilidade de que os Evangelhos não tenham sido escritos por testemunhas oculares. Chamamos estes livros de Mateus, Marcos, Lucas e João porque receberam o nome de dois discípulos diretos de Jesus – Mateus, o cobrador de impostos, e João, o discípulo amado – e de dois companheiros próximos de outros apóstolos – Marcos, o secretário de Pedro, e Lucas, o companheiro de viagem de Paulo. No entanto, **os livros de fato foram escritos anonimamente – os autores jamais se identificaram – e circularam por décadas**

antes que alguém afirmasse que foram escritos por essas pessoas. A primeira atribuição confirmada desses livros a esses autores é de um século após terem sido produzidos.

Existem bons motivos para se pensar que nenhuma dessas atribuições esteja correta. Primeiro, **os seguidores de Jesus, como sabemos pelo Novo Testamento em si, eram judeus incultos da classe baixa da Palestina, de língua aramaica. Esses livros não foram escritos por gente desse tipo. Seus autores eram muitíssimo cultos, cristãos de idioma grego de uma geração posterior.** Provavelmente escreveram após todos, ou quase todos, os discípulos de Jesus terem morrido. Escreveram em partes diferentes de mundo, em uma língua diferente e em um período mais tardio. Não há mistério sobre por que os cristãos quisessem afirmar que os autores de fato eram companheiros de Jesus, ou, pelo menos, ligados aos apóstolos: essa afirmação proporcionava aos relatos uma autoridade muito necessária para quem queria saber como Jesus realmente havia sido. ⁽⁵⁴⁾

Agora que temos essa indispensável informação, podemos avançar detalhando os dois tópicos.

1) Dos tradutores

Vejamos, primeiramente, o que se pode encontrar entre as opiniões dos tradutores, obviamente, daqueles que nos fornecem elementos para sairmos da influência dogmática, quanto às suas origens, ainda que alguns tentem justificar o que lhes veio por tradição.

Sobre isso, é melhor vermos o que, em ***Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada***, diz Pepe Rodríguez:

Quase a metade (mais exatamente, 44 por cento) dos textos do Novo Testamento pertencem aos quatro Evangelhos canônicos – Mateus, Marcos, Lucas e João. Basicamente, o que contam é a história de Jesus, a sua biografia, os seus actos e as suas palavras. **As contradições existentes entre eles, inclusivamente em aspectos fundamentais da vida de Jesus e do seu ensinamento, chegaram a ser tão profundas e evidentes que os seus tradutores católicos não tem outra saída senão a de culpar a “tradição oral” pelas “diferenças que a cada passo se verificam,** não só ao nível do plano geral e

do agrupamento das ocorrências e dos discursos, mas igualmente ao nível da construção da própria narrativa. [...]”⁽⁵⁵⁾

Portanto, quando apelam para a “*tradição oral*”, estão querendo amenizar as contradições existentes entre os Evangelhos.

a) **Luís Alonso Schökel** (1920-1998), tradutor da ***Bíblia do Peregrino***:

Mateus: A tradição antiga atribuiu este evangelho a Mateus apóstolo; **tal atribuição considera-se hoje bastante duvidosa. A notícia de Papias**, recolhida por Eusébio, segundo a qual Mateus compilou oráculos em hebraico (ou aramaico), **não merece crédito. O autor deste evangelho deve ter sido um judeu helenista, que cita o AT, os LXX.** Data provável: a década de 80-90. Lugar provável: alguma cidade da Síria, p. ex. Antioquia.⁽⁵⁶⁾

Marcos: Desde sempre, este evangelho se chamou “segundo Marcos”. Uma velha tradição ou lenda, transmitida de segunda mão, faz do autor um discípulo de Pedro, de quem teria recolhido a informação sobre Jesus. Outros tentaram identificar o autor com a personagem de nome Marcos, que figura nos Atos (12,12; 13,5.13) e envia

saudações em Cl 4,10 e 1Pd 5,13, mas, **sendo Marcos um nome corrente na época, a identificação é incerta.** ⁽⁵⁷⁾

Lucas: A tradição intitulou este evangelho “segundo Lucas”. O nome aparece em Fm 24 e 2Tm 4,11, como em Cl 4,14. **A identificação com Lúcio (Loukios) de At 13,1 e Rm 16,21 é pouco provável.** O autor tem notícia da destruição de Jerusalém, mas não da perseguição de Domiciano; parece viver a tensão crescente e a rejeição próxima por parte da sinagoga. Esses dados seguem como data de composição a década 80-90. ⁽⁵⁸⁾

João: Uma tradição antiga identificou o autor como o apóstolo João, o “discípulo espiritual”. **Hoje é muito difícil manter essa opinião. A maioria dos comentaristas considera esse Evangelho como obra de um discípulo de João, uma geração mais tarde.** Por sua familiaridade com o AT e o sabor semítico do seu estilo, deve ter sido judeu. Várias notícias do relato parecem referir-se à expulsão dos cristãos da sinagoga (ver 9,22; 12,42 e 16,2). Propõe-se como data provável de composição a última década do século, e Éfeso como lugar razoável. ⁽⁵⁹⁾

b) **Frei Mateus Hoepers** (1898-1983),
tradutor do Novo Testamento da **Bíblia Sagrada**

Vozes:

Mateus: Desde o II século a tradição atribui o primeiro evangelho a Mateus, o cobrador de impostos chamado a seguir Jesus (Mt 9,9-17). Tal tradição repousa no testemunho de Papias (ca. 135 d.C.), segundo o qual “Mateus ordenou os ditos (logia) em dialeto hebraico e cada um os traduzia conforme era capaz”. **O atual evangelho de Mt, cujo original foi escrito em grego**, seria portanto uma tradução livre do original aramaico. Mas a crítica não aceita uma identificação substancial entre o Mt aramaico e o Mt grego. **Consequentemente o evangelho de Mt não pode ser obra de um discípulo direto de Jesus (de Levi = Mateus).** A tônica didática não-biográfica e impessoal de Mt, sua teologia pós-apostólica e sua dependência de Mc, são incompreensíveis numa testemunha ocular.
(⁶⁰)

Marcos: Como os outros evangelhos, também o segundo evangelho foi no início publicado anonimamente. Baseada no testemunho de Pápias (135 d.C.), **a tradição é unânime em atribuí-lo a um certo Marcos.** Este Marcos provavelmente era um judeu-cristão que gozava de muita autoridade na comunidade; alguém que emigrou da Palestina para Roma, passando para a missão gentio-cristã (cf. 7,1-8,9; 13,10; 14,9).

Em geral é identificado com João Marcos em cuja casa Pedro se refugiou (At 12,12). [...].

Papias apresenta Marcos como “intérprete” de Pedro, o que não se deve entender como tradutor, mas como expositor da pregação do apóstolo. **O exame interno do evangelho mostra, porém, que Mc depende de tradições múltiplas e não apenas de uma possível tradição petrina.**

Mc escreve o evangelho para cristãos ainda ligados a uma origem palestinese, mas comprometidos com a missão entre os pagãos e com a Igreja formada de judeus e gentios. Segundo a tradição, Mc compôs o evangelho em Roma. Mas alguns críticos acham que o evangelho poderia ter sido escrito em qualquer parte do império romano, sobretudo no Oriente. A opinião mais comum situa a composição de Mc entre 65 e 70 d.C. Não há argumentos decisivos para datá-lo após 70. ⁽⁶¹⁾

João: Desde o testemunho de Irineu de Lião (180 d.C.) a tradição da Igreja antiga atribuiu a autoria do 4º evangelho ao apóstolo João, filho de Zebedeu. **O exame interno do evangelho, porém, não permite concluir que o apóstolo tenha redigido o texto atual.** Devemos admitir, contudo, que a figura de João esteja intimamente ligada à origem e ao desenvolvimento dessa obra. [...]. ⁽⁶²⁾

c) **Joaquim de Arruda Zamith**, tradutor do Evangelho de João na **Bíblia de Jerusalém**:

João: Qual é o autor do quarto evangelho? Ou, antes, quais são os autores, uma vez que esse evangelho provavelmente se formou em etapas sucessivas? É difícil responder. **O nome daquele que fez a última redação nos é desconhecido.** É possível, todavia, determinar sua personalidade: era judeu-cristão que se esforçou para rejudaizar o evangelho por meio de retoques de amplitude menor. [...]

Mesmo abstraindo dos retoques feitos pelo último redator, pode-se manter um laço estreito entre o quarto evangelho e o apóstolo João? O autor mais antigo que afirma explicitamente isso é santo Ireneu de Lião; “Em seguida, João, o discípulo do Senhor, o mesmo que repousou sobre seu peito, publicou também um evangelho durante sua estada em Éfeso. Numerosos autores eclesiásticos antigos admitiram isso sem dificuldade. [...] **Tal identificação, porém, apresenta dificuldades.** Até entre os católicos, autores como Raymond Brown e R. Schnackenburg, depois de a terem admitido, terminaram por abandoná-la. Certamente não o fizeram sem razões sérias. **Seria verossímil que, ao escrever seu evangelho, João apóstolo omitisse o relato de certas cenas as quais havia**

assistido, cenas tão importantes como a ressurreição da filha de Jairo (Mc 5,37), a transfiguração (Mc 9,2), a instituição da eucaristia (Mc 13,17s), a agonia de Jesus no Getsêmani (Mc 14,33)? Também foi objetado o fato de que, segundo certos testemunhos aos quais aludem muitos textos litúrgicos, **João apóstolo teria morrido mártir em data relativamente antiga, e que, portanto, não teria podido escrever o evangelho que leva seu nome. [...].** ⁽⁶³⁾

d) **Missionários Capuchinhos de Portugal**,
elaboradores da ***Bíblia Sagrada Santuário***:

Mateus: Entretanto, a opinião mais corrente pensa que Mateus não escreveu este livro tal qual o leitor o tem diante de si. Mateus teria escrito em aramaico (a língua de Jesus) uma coleção de sentenças proferidas pelo Senhor. **Essa obra primitiva teria sido largamente ampliada e transferida para o grego – única língua em que possuímos o texto original de Mateus. Tal refundição, efetuada por um ou mais cristãos, talvez da classe dirigente, é o atual Evangelho Segundo Mateus. [...].** ⁽⁶⁴⁾

Geralmente o tradutor quer se manter alinhado com o pensamento teológico da Igreja da qual faz

parte; por isso, o testemunho deles, especialmente quando é contrário a algum ponto doutrinário, torna-se importante para o conjunto de provas de que os nomes dos títulos não são os dos autores dos evangelhos.

2) De estudiosos e exegetas

Vamos trazer alguns estudiosos e exegetas para vermos o que pensam a respeito dos autores e de outros importantes pontos dos evangelhos.

1º) **Léon Denis** (1846-1927), em ***Cristianismo e Espiritismo*** (1898):

A. Sabatier, diretor da seção dos Estudos superiores, na Sorbona, “Os Evangelhos Canônicos”, pág. 5. **A Igreja sentiu a dificuldade em encontrar novamente os verdadeiros autores dos Evangelhos. Daí a fórmula por ela adotada: Evangelho segundo...** ⁽⁶⁵⁾

Caso haja dúvida sobre o que Denis aqui informa, por ter sido ele um escritor espírita, sugerimos uma consulta direta na obra por ele mencionada.

2º) **Paul Johnson**, em *História do Cristianismo* (1976):

[...] o estudo dos textos escriturais, aplicando os novos métodos de análise histórica e com auxílio da filologia e da arqueologia, revelaram **as Escrituras** como uma coletânea de documentos muito mais complexa do que se havia imaginado até então – **um assombroso composto de alegorias e fatos, a ser peneirado como qualquer outra peça de literatura antiga.**
(⁶⁶)

3º) **Hermínio C. Miranda** (1920-2013), em *Cristianismo: Uma Mensagem Esquecida* (1988):

Ressalte-se, em Hennecke (⁶⁷), sua cautela com o problema da autoria. Ele não se refere aos textos sob exame como sendo de Mateus, Marcos, Lucas ou João e sim, **com a expressão “o autor do Evangelho de...”** (Mateus, Marcos, João ou Lucas,) pois **sabe muito bem que nenhum dos textos de que dispomos pode ter ser atribuído, em sua integridade, àquele cujo nome ostenta.** Mesmo admitindo que eles contenham um núcleo primitivo de autoria desses narradores, tornou-se impraticável identificar, com precisão, o que pertence a

quem. ⁽⁶⁸⁾

4º) **Pepe Rodríguez**, em ***Mentiras Fundamentais da Igreja Católica: Como a Bíblia Foi Manipulada*** (1997):

A primeira coisa que salta à vista, quando nos abeiramos do Novo Testamento, é o facto de os textos que o compõem serem tão tardios. Só começaram a ser escritos num período compreendido entre o último quartel do século I d.C. e o primeiro quartel do século II d. C., à excepção das epístolas de Paulo, escritas entre 51 e 67 d.C. Mas **o que parece ainda mais incompreensível e absurdo é que quem tinha muito para testemunhar nada escreveu, ou quase nada, enquanto os que nada tinham para testemunhar acabaram sendo os redactores da maior parte dos textos do cânone neotestamentário.** É tão ilógico como se uma dezena de historiadores ou de jornalistas (que, propagandistas como eles, eram os apóstolos ou enviados), presente no momento em que se estava a dar o maior prodígio da história humana, tivessem ficado totalmente calados e o ocorrido não tivesse de qualquer modo ficado documentado e só tivesse sido dado a conhecer quarenta anos depois, e, ainda e apenas, através de escritores desvalorizados de um par de

ajudantes de duas dessas supostas testemunhas privilegiadas. Senão vejamos:

O Evangelho de Marcos é o documento mais antigo de que dispomos sobre a vida de Jesus. Ora, **Marcos não foi discípulo de Jesus, nem o conheceu pessoalmente.** O que sabe sobre ele foi o que, depois da crucificação, ouviu a Pedro nas prédicas públicas. O Evangelho de Lucas e os Actos, do mesmo autor, são documentos fundamentais para conhecer a origem e o desenvolvimento da Igreja primitiva. Ora, **Lucas não foi apóstolo. Também ele escreveu de ouvir dizer.** Compôs os seus textos a partir de passagens que plagia de documentos anteriores e de diversas proveniências. E, por outro lado, do que havia escutado de Paulo, que não só não fora discípulo de Jesus, como até 37 d.C. – um ano depois da crucificação de Jesus – se revelara um perseguidor fanático e tenaz do cristianismo nascente.

Mateus, pelo contrário, foi apóstolo. Porém, uma parte do seu Evangelho foi escrita a partir de documentos anteriores redigidos por um outro Marcos que, esse, não fora apóstolo. Resta João Zebedeu que foi, também ele, apóstolo. Acontece, contudo, que **o Evangelho de João e o Apocalipse não são obra sua, mas de um outro João. Foram escritos por um tal João, o Ancião, um greco cristão** que se baseou não só em textos hebreus e essênios, como nas

recordações que conseguiu obter de João, o *Sacerdote*, identificado como “o discípulo amado” de Jesus (mas que não é João Zebedeu), um sacerdote judeu muito amigo de Jesus que foi viver para Éfeso e onde veio a morrer em idade muito avançada. [...]. ⁽⁶⁹⁾

[...] Porém, como mostrámos no seu devido momento, **o texto do Evangelho de João, escrito pelo grego João, o Ancião, em princípios do século II**, revela um Jesus absolutamente deformado, que fala com uma prepotência descarada, contrariamente à humildade que o caracteriza nos relatos dos três sinópticos. [...]. ⁽⁷⁰⁾

5º) **Geza Vermes**, em ***As Várias Faces de Jesus*** (2000)

[...] a opinião de que o assim chamado **Evangelho de João é algo especial, e que reflete**, não a autêntica mensagem de Jesus ou sequer o pensamento dos seus seguidores imediatos sobre ele, mas **uma teologia altamente evoluída de um escritor cristão que viveu três gerações depois de Jesus e completou o seu Evangelho nos primeiros anos do segundo século d.C.** Para o crente médio, o último Evangelho é naturalmente o melhor e o mais confiável dos quatro. [...]. ⁽⁷¹⁾

[...] A segunda linha de defesa teve bom êxito e sobrevive até hoje. Ela apresenta João como o biógrafo supremo de Jesus, autor do Evangelho espiritual. Familiarizado com a obra dos seus predecessores, diz-se que ele evitou deliberadamente repetir a maioria das suas histórias, exceto o relato da Paixão, que se limitou a suplementar e enriquecer os seus registros com discursos inteiros atribuídos a Jesus, e em geral a desenvolver doutrinariamente e aperfeiçoar as suas narrativas.

Nenhuma leitura crítica dos quatro Evangelhos justifica tal compreensão de João. Pois é óbvio para qualquer leitor imparcial, sem viés religioso, que, se o Quarto Evangelho está certo, seus precursores têm de estar errados, ou vice-versa. **Os Sinópticos e João não podem estar simultaneamente corretos, pois o primeiro atribui a Jesus uma carreira pública que dura um ano, ao passo que João a estende em dois ou três anos, mencionando duas ou possivelmente três celebrações da Páscoa consecutivas durante o ministério de Jesus na Galileia e na Judeia.** Do mesmo modo, se for exata a datação de João da crucificação na *véspera* da Páscoa, isto é, em 14 Nisan, os Sinópticos, que descrevem a Última Ceia como um jantar de Páscoa e situam os acontecimentos que conduzem à execução em 15 Nisan, têm de estar errados. Ou para hebraizar e adaptar apropriadamente o

provérbio inglês à situação da Páscoa judaica, não é possível guardar o pão ázimo e comê-lo! ⁽⁷²⁾

A mesma opinião majoritária considera a identidade do autor indeterminável. Exceto pelo título: “segundo João”, que é ambíguo – que João? – e que **somente mais tarde foi vinculado ao texto**, o próprio Evangelho, do Capítulo 1 ao Capítulo 20, não menciona nenhum autor. No Capítulo 21, anexado por alguém que não era o evangelista (cf. Versículo 24), há uma tentativa de identificá-lo com “o discípulo amado de Cristo”, que se supõe tacitamente ser o pescador galileu João, filho de Zebedeu. ⁽⁷³⁾

6º) **Juan Arias, *Jesus Esse Grande Desconhecido* (2001):**

Do Novo Testamento fazem parte, entre outros, **os quatro evangelhos**, que são os textos mais conhecidos pelo grande público. São atribuídos a **Marcos, Mateus, Lucas e João. Mas, na realidade, ignora-se quem os escreveu. [...].** ⁽⁷⁴⁾

7º) **Mariano Fernández Urresti, em *A Face Oculta de Jesus: os Mitos Egípcios e Maria***

Madalena, Sua Origem Essênica e o Mistério de Rennes-le-Château (2002):

Por fim, espera-nos o **texto obscuro** atribuído a um tal de João, de quem não se pode garantir que seja em absoluto o filho de Zebedeu e irmão de Tiago. [...] Os exegetas chegam a reconhecer que, ao estudar sua estrutura interna, pode-se pensar que ele foi redigido por várias mãos, o que negaria a paternidade de João "o filho do trovão", pelo menos em sua exclusividade. Além disso, o fato de **nesse Evangelho parece que Jesus fala para pessoas cultas**, enquanto nos outros parecia dirigir-se a pessoas simples, dificulta ainda mais a ideia de que **um pescador galileu seria capaz de dar forma a essas histórias.** ⁽⁷⁵⁾

8º) **Karen Armstrong**, em **A Bíblia: Uma Biografia** (2007):

Não sabemos quem escreveu os evangelhos. Quando apareceram, eles circularam anonimamente, e **só mais tarde foram atribuídos a figuras importantes da Igreja primitiva.** ⁽⁷⁶⁾ Os autores eram cristãos judeus, ⁽⁷⁷⁾ que escreviam em grego e viviam nas cidades helenísticas do Império

Romano. **Eram não somente escritores criativos – cada um com suas tendências particulares –, mas também redatores competentes, que editaram materiais anteriores.** Marcos escreveu por volta de 70; Mateus e Lucas no final dos anos 80, e João no final dos anos 90. Os quatro evangelhos refletem o terror e a ansiedade desse período traumático. [...]. ⁽⁷⁸⁾

9º) **Tom Harpur**, em ***Transformando Água em Vinho: Uma Visão Profunda e Transformadora Sobre os Evangelhos*** (2007):

Nenhum dos Evangelhos chegou até nós trazendo os nomes de seus “autores” ou editores, e ninguém sabe ao certo quem foram seus “redatores” finais, [...]. ⁽⁷⁹⁾

O Evangelho de Marcos não faz segredo do fato de que **os primeiros discípulos era pescadores iletrados**. Às vezes, ele até os apresenta como pessoas meio estúpidas. **A ideia de que qualquer um deles tenha ajudado a criar e escrever um novo gênero literário, o Evangelho, não pode ser verdadeira. Nenhum Evangelho foi escrito por uma testemunha ocular.** S. Paulo, o mais antigo escritor do Novo Testamento, nunca se encontrou com Jesus histórico – só com o Cristo mítico.

Assim, ninguém sabe com certeza quem criou os Evangelhos, e em que data. É preciso lembrar que eles nunca foram “escritos” como se escreve um livro hoje em dia. São obras altamente “editoradas” que parecem ter sido compiladas a partir de coletâneas mais antigas de ensinamentos e, acredito, de mitos antigos e autos religiosos descritos nas “Religiões de Mistério” ⁽⁸⁰⁾. [...]. ⁽⁸¹⁾

Os nomes Mateus, Marcos, Lucas e João não foram atribuídos originalmente aos Evangelhos canônicos, que só mais tarde passaram a ser chamados dessa maneira. **A verdade é que não sabemos com certeza quem escreveu os Evangelhos em sua forma atual.** ⁽⁸²⁾

10º) **Bart D. Ehrman**, em ***Quem Foi Jesus?, Quem Não Foi Jesus?, Quem Escreveu a Bíblia?*** (2009) e ***Jesus Existiu ou Não?*** (2012), respectivamente:

Embora evidentemente não seja o tipo de coisa que os pastores costumem contar às suas congregações, há mais de um século existe um forte consenso de que **muitos dos livros do Novo Testamento não foram escritos pelas pessoas cujos nomes estão ligados a eles.** [...].

[...].

Por que surgiu a tradição de que esses livros foram escritos por apóstolos e por companheiros dos apóstolos? **Em parte de modo a garantir aos leitores que eles foram escritos por testemunhas oculares e companheiros das testemunhas oculares.** Uma testemunha ocular merece a confiança de que iria contar a verdade sobre o que realmente aconteceu na vida de Jesus. Mas a realidade é que não é possível confiar em que as testemunhas ofereçam relatos historicamente precisos. Elas nunca mereceram confiança e ainda não merecem. Se testemunhas oculares sempre fizessem relatos historicamente precisos, não teríamos a necessidade de tribunais. Quando precisássemos descobrir o que realmente aconteceu quando um crime foi cometido, bastaria perguntar a alguém. Casos reais demandam muitas testemunhas, porque seus depoimentos diferem entre si. Se duas testemunhas em um tribunal divergissem tanto quanto Mateus e João, imagine como seria difícil chegar a um veredicto.

A verdade é que todos os Evangelhos foram escritos anonimamente, e nenhum dos autores alega ser uma testemunha. Há nomes ligados aos títulos dos Evangelhos (“o Evangelho segundo Mateus”), mas esses títulos são acréscimos posteriores aos próprios livros, conferidos por editores e escribas para informar aos leitores quem os

editores achavam que eram as autoridades por trás das diferentes versões. Que os títulos não são originalmente dos Evangelhos é algo que fica claro com uma simples reflexão. Quem escreveu Mateus não o chamou de “Evangelho segundo Mateus”. As pessoas que deram esse título a ele estão dizendo a você quem, na opinião delas, o escreveu. Autores nunca dão a seus livros o título de “segundo fulano”. ⁽⁸³⁾ ⁽⁸⁴⁾

Ao longo de mais de cem anos, os estudiosos notaram que, na verdade, esse é o caso. **Os autores de alguns dos livros do Novo Testamento não eram quem alegavam ser ou quem se imaginou que seriam. Em alguns casos, isso se deu porque um escrito anônimo, no qual um autor não indicava quem era, foi posteriormente atribuído a alguém que, na verdade, não o escreveu.** Mateus provavelmente não escreveu Mateus, por exemplo, nem João, João (ver capítulo 7); por outro lado, nenhum livro de fato alega ter sido escrito por uma pessoa chamada Mateus ou João. Em outros casos, **isso aconteceu porque o autor mentiu sobre sua identidade, alegando ser alguém que não era.** Como já insinuei, alguns estudiosos há muito relutam, e mesmo se recusam a chamar essa atividade autoral de mentira e os produtos literários resultantes de falsificações. [...]. ⁽⁸⁵⁾

[...] os Evangelhos não foram escritos pelos autores cujos nomes aparecem nas obras (Mateus, Marcos, Luas e João), mas por pessoas que não foram seguidores diretos de Jesus e viveram de quarenta a sessenta anos depois dele em locais diferentes do mundo; [...]. ⁽⁸⁶⁾

11º) **Carlos Orsi**, em ***O Livro dos Milagres: o Que de Fato Sabemos Sobre os Fenômenos Espantosos da Religião*** (2011):

Os cristãos, em geral, tomam como válidos quatro relatos da vida de Jesus, os chamados Evangelhos Canônicos. **Existem outros - Evangelho de Tomás, Evangelho dos Hebreus, Evangelho de Pedro, Evangelho de Judas etc. – que, por uma série de razões históricas – e também de qualidade literária, não entraram na versão oficial da Bíblia.** Os Evangelhos Canônicos aparecem na Bíblia na seguinte ordem: Mateus, Marcos, Lucas e João. **Por questão de conveniência, cada um dos livros é chamado pelo nome tradicionalmente atribuído a seu suposto autor.**

A maioria dos estudiosos, no entanto, aceita que a verdadeira ordem cronológica de composição foi primeiro Marcos, depois Mateus e Lucas – esses autores talvez

tenham trabalhado quase ao mesmo tempo, mas provavelmente em áreas geográficas distintas e sem conhecerem um ao outro – e, bem mais tarde, João. O Evangelho de Marcos seria, portanto, o mais próximo dos fatos reais.

“Próximo”, no caso, é um conceito bastante relativo: Jesus foi crucificado por volta do ano 30, mas **nenhum dos Evangelhos foi escrito muito antes do ano 70**, a mesma época da destruição do Templo de Jerusalém pelos romanos. “Estudiosos geralmente concordam que os Evangelhos foram escritos de quarenta a sessenta anos depois da morte de Jesus. **Portanto, não representam um relato de testemunhas oculares ou contemporâneos da vida e dos ensinamentos de Jesus**” ⁽⁸⁷⁾, diz o consenso dos especialistas.

“Evangelho”, é bom notar, não era originalmente uma palavra aplicada exclusivamente à biografia de Jesus. Isso fica claro no primeiro verso de Marcos: “O início do evangelho de Jesus Cristo, o filho de Deus.” **Se é preciso especificar o “evangelho de Jesus”, é porque há de haver outros.** “Evangelho”, de fato, significa “boa notícia”, em grego. Era uma expressão comum na Antiguidade greco-romana, usada como uma espécie de clichê em relatos biográficos de grandes personalidades, históricas ou mitológicas.

“Quando o autor de Marcos começou a

redigir seu Evangelho [...], ele não teve de trabalhar num vácuo intelectual e literário”, escreve Randel Helms. ⁽⁸⁸⁾ O estudioso prossegue lembrando que o esquema geral dos Evangelhos – um salvador encarna-se na Terra como filho de um deus; entra no mundo para realizar atos grandiosos; retorna em seguida ao céu – também não era exatamente original.

Helms cita, entre outros exemplos, uma proclamação feita por líderes políticos da Ásia Menor, anos antes do nascimento de Jesus, na qual o imperador César Augusto é celebrado como um “salvador enviado pela Providência” e um “deus manifesto”. A proclamação segue afirmando que o nascimento do “deus” Augusto foi “o início de um evangelho para todo o mundo”. ⁽⁸⁹⁾

Essas opiniões não podem ser desprezadas, pois essa atitude seria o mesmo que querer tampar o Sol com a peneira.

Conclui-se, portanto, que os seus autores não foram aqueles cujos nomes constam dos seus títulos, não há como fugir a esse fato incontestável.

Conclusão

Qualquer pessoa, que não esteja dominada pela fé cega e nem contaminada pelo vírus do sectarismo religioso, verá que as informações aqui levantadas são irrefutáveis. Elas apontam para o fato de que os autores dos Evangelhos são indivíduos totalmente desconhecidos, que, nem com muito esforço dogmático, poder-se-ia, portanto, dizer que foram inspirados, tantas as contradições, interpolações e adulterações que constam dos textos bíblicos.

E para confirmar essa nossa opinião, transcrevemos da historiadora e advogada Paloma Sánchez-Garnica, autora da obra **O Grande Arcano**, a seguinte fala:

Assim tudo começou. A partir de então, surgiu uma profusão de ideias e de linhas de pensamento: as lutas e enfrentamentos foram numerosos, até que venceu uma dessas correntes; aquela fundada por Paulo

e mantida pela corrente grega foi a que triunfou e se impôs ao restante; estabeleceu seu poder definitivamente no concílio de Niceia de 325 e afastou, destruiu, perseguiu ou considerou como hereges todos os que não estivessem de acordo com ela. **Os textos originais dos Evangelhos foram alterados, porque era necessário adaptá-los à população a que eram dirigidos, uma população não judia, e sim romana,** helenizada e com uma mentalidade distinta à dos judeus a quem Jesus havia se dirigido; sua verdadeira mensagem ficou em um segundo plano: valia tudo para aumentar o número de discípulos da nova religião.

A partir desse momento, ou se estava com a Igreja ou contra ela. Em poucos anos, os perseguidos passaram a ser perseguidores; e assim se passaram dois mil anos. ⁽⁹⁰⁾

Trazemos, para exemplificar, três passagens do Novo Testamento que não constam de Manuscritos mais antigos.

a) **Marcos 16,9-12** (últimos doze versículos), confirmam: BARRERA ⁽⁹¹⁾; CHAMPLIN ⁽⁹²⁾; EHRMAN ⁽⁹³⁾; JOHNSON ⁽⁹⁴⁾ e VERMES ⁽⁹⁵⁾;

b) **João 8,1-11** (caso da mulher adúltera), afirmam: BARRERA ⁽⁹⁶⁾, EHRMAN ⁽⁹⁷⁾, JOHNSON

(⁹⁸) e VERMES (⁹⁹);

c) **Mateus 28,18-20** (citando Pai, Filho e Espírito Santo), mencionam: FLUSSER (¹⁰⁰), RODRÍGUEZ (¹⁰¹) e VERMES (¹⁰²);

Nesse último caso (item c), tudo nos leva a crer que o acréscimo teve como objetivo instituir e também justificar o dogma da Trindade, crença de origem pagã que ainda sobrevive na maioria das igrejas cristãs.

Portanto, a “verdade” que está na Bíblia, não representa outra coisa senão aquilo que os ditos “*Pais da Igreja*” quiseram que seus fiéis acreditassem que fosse, agiram sem nenhum compromisso com a verdade dos fatos.

A esses “*Pais da Igreja*”, mais que qualquer outra coisa, somente lhes interessavam o status de poder, notoriedade e dinheiro que os cargos da hierarquia da sua Igreja os proporcionam.

Em ***Como Jesus se Tornou Deus***, Ehrman, tece o seguinte argumento:

São esses os Evangelhos que temos hoje.

Ao longo de trezentos anos ou mais, **especialistas têm estudado os textos nos mínimos detalhes, e um dos resultados garantidos dessa investigação intensiva é que os Evangelhos possuem numerosas discrepâncias, contradições e problemas históricos.** ⁽¹⁰³⁾ ⁽¹⁰⁴⁾

Para exemplificar, isso dito por Bart D. Ehrman, traremos três passagens que narram o mesmo episódio de forma completamente diferente:

1ª) Jesus caminha sobre o mar

Mateus 14,22-32: *“Logo em seguida, forçou os discípulos a embarcar e aguardá-lo na outra margem, até que ele despedisse as multidões. Tendo-as despedido, subiu ao monte, a fim de orar a sós. Ao chegar a tarde, estava ali, sozinho. O barco, porém, já estava a uma distância de muitos estádios da terra, agitado pelas ondas, pois o vento era contrário. Na quarta vigília da noite, **ele dirigiu-se a eles, caminhando sobre o mar.** Os discípulos, porém, vendo que caminhava sobre o mar, ficaram atemorizados e diziam: ‘É um fantasma!’ E gritaram de medo. Mas Jesus lhes disse logo: ‘Tende confiança, sou eu, não tendes medo’. Pedro, interpelando-o, disse: ‘Senhor, se és tu, manda que eu vá ao teu*

encontro sobre as águas'. E Jesus respondeu: 'Vem'. Descendo do barco, Pedro caminhou sobre as águas e foi ao encontro de Jesus. Mas, sentindo o vento, ficou com medo e, começando a afundar, gritou: 'Senhor, salva-me!' Jesus estendeu a mão prontamente e o segurou, repreendendo-o: 'Homem fraco na fé, por que duvidaste?' **Assim que subiram ao barco, o vento amainou.**" (grifo e sublinhado nosso)

Marcos 6,45-51: "Logo em seguida, forçou seus discípulos a embarcarem e seguirem antes dEle para Betsaida, enquanto Ele despedia a multidão. E, deixando-os, Ele foi à montanha para orar. Ao cair da tarde, o barco estava no meio do mar e Ele sozinho em terra. Vendo que se fatigavam a remar, pois o vento lhes era contrário, **pela quarta vigília da noite dirigiu-se a eles, caminhando sobre o mar.** E queria passar adiante deles. Vendo-o caminhar sobre o mar, julgaram que fosse um fantasma e começaram a gritar, pois todos o viram e ficaram apavorados. Ele, porém, logo falou com eles, dizendo: 'Tende confiança. Sou Eu. Não tendeis medo'. **E subiu para junto deles no barco. E o vento amainou. [...]."**

Lucas: não fala absolutamente nada

João 6,16-21: "Ao entardecer, seus discípulos desceram ao mar e, subindo num barco,

*dirigiram-se a Cafarnaum, do outro lado do mar. Já estava escuro e Jesus ainda não viera encontrá-los. Além disso, soprava um vento forte e o mar ia se encrespando. Tinham remado cerca de vinte e cinco ou trinta estádios, quando **viram Jesus aproximar-se do barco, caminhando sobre o mar.** Ficaram com medo. Jesus, porém, lhes disse: ‘Sou eu. Não temais’. **Quiseram, então, recolhê-lo no barco, mas ele imediatamente chegou à terra para onde iam.**”*

Em Lucas a narrativa de Jesus caminhando sobre as águas é sequer mencionada, o que é bem estranho considerando um fato fantástico como esse.

Por que motivo somente Mateus relata o diálogo de Jesus com Pedro e seu fracasso ao tentar caminhar sobre as águas? Também esse é um fenômeno extraordinário que não há razão para não o mencionar, caso tivesse mesmo ocorrido.

Ademais, cabe-nos questionar: Jesus subiu no barco, como afirmam Mateus e Marcos, ou não como relatado por João?

2ª) Jesus é escarnecido e injuriado na cruz

Mateus 27,39-45: “Os transeuntes injuriavam-no, meneando a cabeça e dizendo: ‘Tu que destróis o Templo e em três dias o edificais, salva-te a ti mesmo, se és Filho de Deus, e desce da cruz!’ Do mesmo modo, também os chefes dos sacerdotes, juntamente com os escribas e anciãos, caçoavam dele: ‘A outros salvou, a si mesmo não pode salvar! Rei de Israel que és, que desça agora da cruz e creemos nele! Confiou em Deus: pois que o livre agora, se é que se interessa por ele! Já que ele disse: Eu sou filho de Deus’. **E até os ladrões, que foram crucificados junto com ele, o insultavam.**”

Marcos 15,29-32: “Os transeuntes injuriavam-no, meneando a cabeça e dizendo: ‘Ah! Tu, que destróis o Templo e em três dias o edificais, salva-Te a Ti mesmo, desce da cruz!’ Do mesmo modo, também os chefes dos sacerdotes, caçoando dEle entre si e com os escribas, diziam: ‘A outros salvou, a si mesmo não pode salvar! O Messias, o Rei de Israel ... que desça agora da cruz, para que vejamos e creiamos!’ **E até os que haviam sido crucificados com Ele o ultrajavam.**”

Lucas 23,35-43: “O povo permanecia lá, a olhar. Os chefes, porém, zombavam e diziam:

'A outros salvou, que salve a si mesmo, se é o Cristo de Deus, o Eleito!' Os soldados também caçoavam dele; aproximando-se, traziam-lhe vinagre, e diziam: *'Se és o rei dos judeus, salva-te a ti mesmo'*. E havia uma inscrição acima dele: *'Este é o Rei dos judeus'*. **Um dos malfeitores suspensos à cruz o insultava,** dizendo: *'Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós'*. Mas o outro, tomando a palavra, o repreendia: *'Nem sequer temes a Deus, estando na mesma condenação? Quanto a nós, é de justiça; estamos pagando por nossos atos; mas ele não fez nenhum mal'*. E acrescentou: *'Jesus, lembra-te de mim, quando vieres com teu reino'*. **Ele respondeu: 'Em verdade, eu te digo, hoje estarás comigo no Paraíso'.'**

João 19,16-22: *"Então Pilatos o entregou para ser crucificado. Então eles tomaram a Jesus. E ele saiu, carregando a sua cruz, e chegou ao chamado 'Lugar da Caveira' - em hebraico chamado Gólgota - onde o crucificaram; e, com ele, dois outros: um de cada lado e Jesus no meio. Pilatos redigiu também um letreiro e o fez colocar sobre a cruz; nele estava escrito: 'Jesus Nazareu, o rei dos judeus'. Esse letreiro, muitos judeus o leram, porque o lugar onde Jesus fora crucificado era próximo da cidade; e estava escrito em hebraico, latim e grego. Disseram então a*

Pilatos os chefes dos sacerdotes dos judeus: 'Não escrevas: 'O rei dos judeus', mas: 'Este homem disse: Eu sou o rei dos judeus''. Pilatos respondeu: 'O que escrevi, escrevi'."

Os dois ladrões ou malfeitores escarneciam de Jesus, conforme diz Mateus e Marcos, ou somente um deles, na versão de Lucas, ou, por fim, nenhum deles como João dá a entender?

No Evangelho Segundo Mateus, temos a seguinte passagem:

Mateus 2,22: *"E foi habitar numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que fora dito por intermédio dos profetas: **Ele será chamado Nazareno.**"*

Quem for capaz de apontar pelo menos um profeta que tenha dito *"Ele será chamado Nazareno"*, ganha uma caixa de bombom da melhor marca existente no mercado brasileiro.

Lembrando-nos do tempo em que cursávamos o ensino primário, propomos a você, caro leitor, fazer um "dever de casa", coisa bem simples, que não lhe tomará muito tempo: leia em Mateus o capítulo 27,

saltando o trecho dos versículos 3 a 10, depois o releia incluindo esses versetos não lidos.

Feito isso, gostaríamos que nos fosse explicado o teor desses oito versículos considerando que, no capítulo em questão, a condenação de Jesus só ocorrerá no versículo 26.

Aproveitando, lhe pedimos que nos explique qual foi a forma do suicídio de Judas: enforcou-se como é mencionado em Mateus (27,5) ou se precipitou em algum despenhadeiro se rompendo ao meio, conforme narrado pelo autor de Atos dos Apóstolos (1,18), que boa parte dos estudiosos têm como sendo o mesmo que escreveu o Evangelho Segundo Lucas.

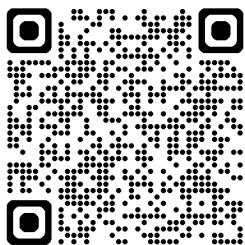
Podemos acrescentar, apenas por curiosidade, duas situações interessantes levantadas pelo britânico estudioso bíblico Geza Vermes, em **As Várias Faces de Jesus:**

[...] Os habitantes do lugar chamado alternativamente de Gergesa, Gerasa ou Gadara rogaram-lhe polidamente que se afastasse do seu território. Sem dúvida, estavam ressentidos com a perda dos seus

suínos, os quais, como ratos, arrojaram-se no lago e morreram, depois que – conforme as pessoas pensaram – Jesus permitiu que demônios exorcizados entrassem no rebanho local de porcos (Mc 5:11-17; cf. Mt 8:30-34; Lc 8:32-7). O local mais provável desse episódio é Gergesa, perto da margem oriental do lago. Variantes dos Manuscritos identificam a cidade como Gadara (Jerash). **Mas se os suínos tivessem partido de qualquer um desses lugares, teriam tido de voar em vez de saltarem, se fosse para desembarcarem no Mar da Galileia. [...].**
(¹⁰⁵)

[...] A única ocasião em que se relata estar ele **[Jesus] envolvido em escrever** é na **história da mulher surpreendida em adultério** (Jo 8:8), **uma passagem definitivamente não-autêntica do Novo Testamento**, já que não aparece nos manuscritos gregos mais importantes. [...].
(¹⁰⁶)

Acreditamos que esses dois pontos, para qualquer pessoa que usa o bom senso e a lógica, já são o suficiente para derrubar a tão propalada tese da “inerrância” da Bíblia, mil vezes repetida pelos adeptos das religiões tradicionais.

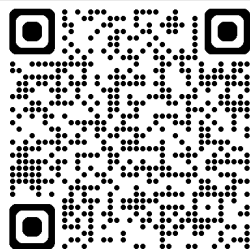


Por esse motivo, não acrescentaremos nada mais; porém, recomendaremos os nossos

E-books: **Falhas da Bíblia “inerrante”** ⁽¹⁰⁷⁾ e **Toda**

Escritura é Mesmo Inspirada?

⁽¹⁰⁸⁾, com os quais isso ficará sobejamente comprovado.



Para se ter uma visão geral do que consta nos Evangelhos, apresentamos o que cerca de duas centenas de especialistas, entre exegetas e teólogos de inquestionável saber, reunidos no **The Jesus Seminar** (Seminário de Jesus), concluíram sobre as narrativas constantes deles:

[...] Os pesquisadores do SJ chegaram a concluir que apenas 18% (dezoito por cento) do total de palavras atribuídas a Jesus nos Evangelhos podem ser realmente consideradas autênticas e que apenas 16% (dezesesseis por cento) do total de ações a ele atribuídas nos Evangelhos podem ser, de fato, consideradas autênticas, ou seja, aproximadamente 82% das palavras e 84% das ações atribuídas a

Jesus nos Evangelhos não são verdades históricas, mas crenças cristãs (cf. FUNK & THE JESUS SEMINAR, p. 1) ⁽¹⁰⁹⁾

Ficam aí essas informações para serem analisadas por aqueles que, usando do questionamento, procuram fazer seu nível de conhecimento crescer cada vez mais, pois sabe que é esse o caminho para encontrar a verdade.

Finalizando, traremos uma conclusão de Bart D. Ehrman, constante de **Quem Escreveu a Bíblia?**:

[...] Houve muitas falsificações literárias nos primórdios do cristianismo; algumas podem ser encontradas no Novo Testamento. Elas **são falsificações, livros cujos autores alegam ser personagens de autoridades bem conhecidas, embora sejam outra pessoa**. Alguns estudiosos hoje evitam o termo “falsificação” e chamam esses escritos de pseudônimos ou pseudoepigráficos; tecnicamente, esses termos estão corretos, mas são imprecisos. Escritos pseudônimos incluem escritos produzidos por um nome de fantasia, e nenhum dos escritos que analisamos ⁽¹¹⁰⁾ se encaixa nessa categoria. Escritos pseudoepigráficos incluem escritos originalmente anônimos que mais tarde foram

erroneamente atribuídos a figuras conhecidas. Os livros de que estamos falando aqui são de autores que mentiram sobre sua identidade para levar seus leitores a pensar que eram alguém que não eram. **O termo técnico para esse tipo de atividade é falsificação.** ⁽¹¹¹⁾

Embora aqui Bart D. Ehrman, especificamente, não esteja se referindo aos Evangelhos, entendemos que se pode estender a eles tomando como base todas as informações que levantamos no presente estudo, inclusive as dele próprio.

Referências bibliográficas

- A Bíblia Anotada***, 8ª edição, São Paulo: Mundo Cristão, 1994.
- A Bíblia Tradução Ecumênica - TEB***, 1ª edição, São Paulo: Loyola; São Paulo: Paulinas, 1996.
- Bíblia - Vol. II: Novo Testamento: Apóstolos, Epístolas, Apocalipse***. 1ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 2018.
- Bíblia de Jerusalém***, nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia de Jerusalém***. 3ª impressão. São Paulo: Paulinas, 1987.
- Bíblia do Peregrino***, edição brasileira, São Paulo: Paulus, 2002.
- Bíblia King James 1611***. 5ª ed. Niterói (RJ): BV Books, 2020.
- Bíblia Mensagem de Deus Novo Testamento***, s/d, São Paulo: Loyola, 1982.
- Bíblia Sagrada***, 37ª edição, São Paulo: Paulinas, 1980.
- Bíblia Sagrada***, 3ª edição, São Paulo: Paulinas, 1977.
- Bíblia Sagrada***, 5ª edição, Aparecida, SP: Santuário, 1984.
- Bíblia Sagrada***, 68ª edição, São Paulo: Ave-Maria, 1989.
- Bíblia Sagrada***, 8ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.

Bíblia Sagrada, 9ª edição, São Paulo: Paulinas, 1957.

Bíblia Sagrada, Edição Barsa, s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.

Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. 43ª impressão. São Paulo: Paulus, 2001.

Bíblia Sagrada, Edição Revista e corrigida, Brasília, DF: SBB, 1969.

Bíblia Sagrada, s/ed. São Paulo: SBTB, 1994.

Bíblia Sagrada: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. s/ed. Barueri (SP): Soc. Bíblica do Brasil, 2000.

Bíblia Shedd, 2ª Edição rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Brasília: SBB, 2005.

Bíblia Textual. 1ª ed. Niterói (RJ): BV Books, 2020.

Bíblia Thompson. Ed. Contemporânea. São Paulo: Editora Vida, 2007.

Escrituras Sagradas, Tradução do Novo Mundo das. Cesário Lange, SP: STVBT, 1986.

ARIAS, J. ***Jesus, Esse Grande Desconhecido***. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

ARMSTRONG, K. ***A Bíblia: Uma Biografia***. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

ASLAN, R. ***Zelota: a Vida e a Época de Jesus de Nazaré***. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BARRERA, J. T. ***A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia***. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

- CHAMPLIN, R. N. ***O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 1.*** São Paulo: Hagnos, 2005.
- CHAMPLIN, R. N. ***O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 3.*** São Paulo: Hagnos, 2005.
- CROSSAN, J. D. ***Jesus: Uma Biografia Revolucionária.*** Rio de Janeiro: Imago Ed. 1995.
- DENIS, L. ***Cristianismo e Espiritismo.*** Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- EHRMAN, B. D. ***Como Jesus se Tornou Deus.*** São Paulo: LeYa, 2014.
- EHRMAN, B. D. ***Jesus existiu ou não?*** Rio de Janeiro: Agir 2014.
- EHRMAN, B. D. ***O que Jesus disse? O que Jesus não disse?: Quem mudou a Bíblia e por quê.*** São Paulo: Prestígio, 2006.
- EHRMAN, B. D. ***Quem Escreveu a Bíblia? Por Que os Autores da Bíblia Não São Quem Pensamos Que São.*** Rio de Janeiro: Agir, 2013.
- EHRMAN, B. D. ***Quem Jesus foi? Quem Jesus Não Foi?*** Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.
- FLUSSER, D. ***O Judaísmo e as Origens do Cristianismo - Vol. II.*** Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- GIBSON, S. ***A Gruta de São João Batista.*** Rio de Janeiro: Record, 2008.
- HARPUR, T. ***Transformando água em vinho: uma visão profunda e transformadora sobre os evangelhos.*** São Paulo: Pensamento, 2010.

- JOHNSON, P. ***História do Cristianismo***. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- JUSTINO, MÁRTIR, ***Santo Justino de Roma: I e II Apologias: Diálogo com Trifão***. São Paulo: Paulus, 1995.
- LOURENÇO, F. ***Bíblia, Novo Testamento: os Quatro Evangelhos***. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- MELLO, F. G. ***Reencontro Cristão: Reflexões Para o Cristianismo do Terceiro Milênio***. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1997.
- MIRANDA, H. C. ***Cristianismo: Uma Mensagem Esquecida***. Matão (SP): O Clarim, 1988.
- ORSI, C. ***O Livro dos Milagres: o Que de Fato Sabemos Sobre os Fenômenos Espantosos da Religião***. São Paulo: Editora Unesp, 2021.
- RIZZINI, J. ***J. Herculano Pires: o Apóstolo de Kardec***. São Paulo: Paideia, 2001.
- PEREIRA, Y. A. ***As Três Revelações***. Brasília: FEB, 2014.
- RODRÍGUEZ, P. ***Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada***. Lisboa, Portugal: Terramar, 2007.
- SÁNCHEZ-GARNICA, P. ***O grande Arcano***. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SOUZA, J. P. ***Três Maneiras de Ver Jesus: a Maneira Histórica, a Mítica literal e a Mítica simbólica***. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011.
- TRICCA, M. H. O. ***Apócrifos: os Proscritos da Bíblia - Vol. I***. São Paulo: Mercuryo, 1995.

UR-RAHIM, M. ***Jesus, Um Profeta do Islão***. Lisboa, Portugal: Editorial Al Furqán, 1995.

URRESTI, M. F. ***A Face Oculta de Jesus: os Mitos Egípcios e Maria Madalena, Sua Origem Essênica e o Mistério de Rennes-le-Château***. São Paulo: Madras, 2014.

VERMES, G. ***As Várias Faces de Jesus***. Rio de Janeiro: Record, 2006a.

VERMES, G. ***O Autêntico Evangelho de Jesus***. Rio de Janeiro: Record, 2006b.

Internet:

CAPA:

https://en.wikipedia.org/wiki/Four_Evangelists#/media/File:Four_Evangelists_Jordaens_Louvre_Inv1404.jpg.

Acesso em: 23 set. 2018.

A TRAJETÓRIA DOS HEBREUS: https://1.bp.blogspot.com/-A6eeceBS87o/XUmsSU71LcI/AAAAAAAAABg8/3OIJYmPE6Ms4lwSFaxlymy_-ujJdSQ6TQCLcBGAs/s640/A%2Btrajet%25C3%25B3ria%2Bdos%2Bhebreus.png.

Acesso em: 13 set. 2023.

ALLAN, D. *Por que a Bíblia Contém Quatro Evangelhos?*, disponível em:

<http://www.estudosdabiblia.net/bd75.htm>. Acesso em:

05 ago. 2012.

APOIA.SE, Jonathan Matthies, disponível em:

<https://apoia.se/professorjonathanmatthies>. Acesso

em: 27 ago. 2023.

- BRASIL ESCOLA, *Analfabetismo*, por Rafael Pereira da Silva Mendes, disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/educacao/analfabetismo.htm>. Acesso em: 25 abr. 2025.
- BRASIL ESCOLA, *Hebreus*, por Daniel Neves Silva, disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/historiag/hebreus-1.htm>. Acesso em: 14 set. 2023.
- CASONATTO, O. D. *Qual era a longevidade no tempo de Jesus, na Palestina?*, disponível em: <https://www.abiblia.org/ver.php?id=10799>. Acesso em: 04 out. 2024.
- CRONOLOGIA BÍBLICA: <https://circulodeculturabiblica.org/2021/06/17/cronologia-biblica/>. Acesso em: 13 set. 2023.
- DE.WIKIPEDIA, *Edgar Hennecke*, disponível em: https://de.wikipedia.org/wiki/Edgar_Hennecke. Acesso em: 14 mar. 2025.
- LIVROS DO N.T.: http://4.bp.blogspot.com/_2bRZJ4Jh248/TN8DuMDNd8I/AAAAAAAAIBE/anWUULxNYCg/s320/Diapositivo23.GIF. Acesso em: 14 set. 2023.
- MATTHIES, *A Educação de Jesus – Jesus Histórico 04*, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7bn3dq_w88I. Acesso em 15 fev. 2022.
- OCP NEWS, *Qual era a expectativa de vida no tempo de Jesus Cristo?*, disponível em: <https://ocp.news/entretenimento/qual-era-a-expectativa-de-vida-no-tempo-de-jesus-cristo>. Acesso em: 04 out. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Falhas da Bíblia Inerrante*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/falhas-da-biblia-inerrante>. Acesso em: 06 set. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Toda Escritura é Mesmo Inspirada?*, disponível: <https://paulosnetos.net/article/toda-escritura-e-mesmo-inspirada-ebook>. Acesso em: 06 set. 2024.

WESTAR INSTITUTE, *The Jesus Seminar*, disponível em: <https://www.westarinstitute.org/about/the-jesus-seminar>. Acesso em: 25 abr. 2025.

WIKIPÉDIA, *John Dominic Crossan*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Dominic_Crossan. Acesso em: 18 abr. 2025.

WIKIPÉDIA, *Shimon Gibson*, link: https://pt.wikipedia.org/wiki/Shimon_Gibson. Acesso em: 04 out. 2024.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhões, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** – Grupo de Apologética Espírita (<https://apologiaespirita.com.br/>), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos e ebooks que estão publicados em seu site **Paulo Neto** (<https://paulosnetos.net>) e em outros sites Espíritas na Web, entre eles, **EVOC** (https://www.oconsolador.com.br/editora/ordem_autor.htm).

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I*; 7) *Espiritismo e Aborto*; e 8) *Chico Xavier: Uma Alma Feminina*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. II*, 2) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III*; 3) *Racismo em Kardec?*; 4) *Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?*; 5) *A*

Reencarnação Tá na Bíblia; 6) Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem); 7) Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso; 8) Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam os Seus Autores?; 9) Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta; 10) Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?; 11) A Mulher na Bíblia; 12) Todos Nós Somos Médiuns?; 13) Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas; 14) O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito; 15) Allan Kardec e a lógica da reencarnação; 16) O Fim dos Tempos Está Próximo?; 17) Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves; 18) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?; 19) A Aura e os Chakras no Espiritismo; 20) Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?; 21) Espiritismo: Religião Sem Dúvida; 22) Allan Kardec e Suas Reencarnações; 23) Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?; 24) EQM: Prova da Sobrevivência da Alma; 25) A Perturbação Durante a Vida Intrauterina; 26) Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução; 27) Reencarnação e as Pesquisas Científicas; 28) Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia); 29) Haveria Fetos Sem Espírito?; 30) Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos; 31) Herculano Pires Diante da Revista Espírita; e 32) Allan Kardec: sua mediunidade e os fenômenos que protagonizou.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 AMARAL, *As Três Revelações*, p. 73.
- 2 RIZZINI, J. *Herculano Pires: O Apóstolo de Kardec*, p. 254.
- 3 A TRAJETÓRIA DOS HEBREUS:
https://1.bp.blogspot.com/-A6eeceBS87o/XUmsSU71Lcl/AAAAAAAAABg8/3OIjYmPE6Ms4lwSFaxlymy_-ujjdSQ6TQCLcBGAs/s640/A%2Btrajet%25C3%25B3ria%2Bdos%2Bhebreus.png e
CRONOLOGIA BÍBLICA:
<https://circulodeculturabiblica.org/2021/06/17/cronologia-biblica/>
- 4 DICIO, *Nômade*, link:
<https://www.dicio.com.br/nomade-2/>
- 5 BRASIL ESCOLA, *Hebreus*, por Daniel Neves Silva, disponível em:
<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/hebreus-1.htm>
- 6 LIVROS DO N.T.:
http://4.bp.blogspot.com/_2bRZJ4Jh248/TN8DuMDNd8I/AAAAAAAAAIBE/anWUULxNYCg/s320/Diapositivo23.GIF
- 7 ERHMAN, *Como Jesus se Tornou Deus*, p. 30.
- 8 Nota da transcrição (N.T.): Recordemos que Jesus lhes chamava, a ele a seu irmão Tiago, de *Boanerges*, ou seja, os “tempestuosos”, ou “filhos do trovão” (Mc 3,17).
- 9 RODRÍGUEZ, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada*, p. 76.
- 10 *Bíblia Barsa*, Novo Testamento, p. 103.
- 11 *Bíblia Textual*, p. 1334.
- 12 *Bíblia Shedd*, p. 1532.
- 13 *Bíblia do Peregrino*, p. 2634.
- 14 *Bíblia Anotada*, p. 1364.
- 15 CHAMPLIN, *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo – Vol. 3*, p. 96-97.

- 16 N.T.: William Harris, *Ancient Literacy* (Cambridge: Harvard University Press, 1989)
- 17 N.T.: Entre os muitos excelentes estudos sobre antigos sistemas de ensino, ver especialmente o de Raffaella Cribbiore, *Gymnastics of the Mind: Greek Education in Hellenistic and Roman Egypt* (Princeton: Princeton University Press, 2001).
- 18 N.T.: Catherine Nezser, *Literacy in Roman Palestine* (Tubingen: Mohr Siebeck, 2001).
- 19 EHRMAN, *Quem Escreveu a Bíblia? Por Que os Autores da Bíblia Não São Quem Pensamos Que São*, p. 76-81.
- 20 JUSTINO, MÁRTIR, *Santo Justino de Roma: I e II Apologias: Diálogo com Trifão*, p. 54.
- 21 MATTHIES, *A Educação de Jesus - Jesus Histórico 04*, disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7bn3dq_w88I
- 22 APOIA.SE, Jonathan Matthies, disponível em: <https://apoia.se/professorjonathanmatthies>
- 23 ***The Jesus Seminar***: O Seminário de Jesus foi organizado em 1985 para renovar a busca do Jesus histórico e relatar os resultados de suas pesquisas ao público em geral, e não a um público limitado de especialistas. § Inicialmente, o objetivo do Seminário era revisar cada um dos ditos e feitos atribuídos a Jesus nos evangelhos e determinar quais deles poderiam ser considerados autênticos. § Trinta acadêmicos aceitaram o desafio na reunião inicial em Berkeley, Califórnia. Eventualmente, mais de 200 especialistas treinados profissionalmente, chamados Scholars, se juntaram ao grupo em várias fases. Como os editores do livro de 1993 do Seminário, *Os Cinco Evangelhos*, explicam em seu Prefácio, os Estudiosos do Seminário de Jesus representam uma ampla gama de tradições religiosas ocidentais e instituições acadêmicas. Eles foram treinados nas melhores universidades da América do Norte e da Europa. § O Seminário se reunia duas vezes por ano para debater

trabalhos técnicos que eram preparados e divulgados com antecedência. No final do debate sobre cada item da agenda, os estudiosos votaram usando contas coloridas para indicar o grau de autenticidade das palavras e ações atribuídas a Jesus nos evangelhos. Colocar contas coloridas em uma caixa logo se tornou uma marca registrada do Seminário de Jesus. § Entre as descobertas está que, no julgamento dos estudiosos do *Jesus Seminar*, cerca de 18% dos ditos e 16% dos atos atribuídos a Jesus nos evangelhos são autênticos. § O Seminário de Jesus compreendeu três fases: Fase 1, Ditos de Jesus (1985-1991); Fase 2, Feitos de Jesus (1991-1996) e Fase 3, Perfis de Jesus (1996-1998). (WESTAR INSTITUTE, *The Jesus Seminar*, disponível em: <https://www.westarinstitute.org/about/the-jesus-seminar>

- 24 WIKIPÉDIA, *John Dominic Crossan*, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/John_Dominic_Crossan
- 25 CROSSAN, *Jesus: Uma Biografia Revolucionária*, p. 41-42.
- 26 BRASIL ESCOLA, *Analfabetismo*, por Rafael Pereira da Silva Mendes, disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/educacao/analfabetismo.htm>
- 27 ASLAN, *Zelota: a Vida e a Época de Jesus de Nazaré*, p. 59.
- 28 MELLO, *Reencontro Cristão: Reflexões Para o Cristianismo do Terceiro Milênio*, p. 72.
- 29 N.T.: Discuto essas discrepâncias, contradições e problemas históricos com profundidade em *Jesus, Interrupt* (São Francisco: HarperOne, 2009).
- 30 EHRMAN, *Como Jesus se Tornou Deus*, p. 124-127.
- 31 BARRERA, *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã*, p. 287.
- 32 WIKIPÉDIA, *Shimon Gibson*, link: https://pt.wikipedia.org/wiki/Shimon_Gibson

- 33 GIBSON, *A Gruta de São João Batista*, p. 148.
- 34 CASONATTO, *Qual era a longevidade no tempo de Jesus, na Palestina?*, link: <https://www.abiblia.org/ver.php?id=10799>
- 35 OCP NEWS, *Qual era a expectativa de vida no tempo de Jesus Cristo?*, link: <https://ocp.news/entretenimento/qual-era-a-expectativa-de-vida-no-tempo-de-jesus-cristo>
- 36 EHRMAN, *Quem Escreveu a Bíblia?*, *Por Que os Autores da Bíblia Não São Quem Pensamos Que São*, p. 222-223.
- 37 EHRMAN, *Quem Escreveu a Bíblia*, *Por Que os Autores da Bíblia Não São Quem Pensamos Que São*, p. 31.
- 38 HARPUR, *Transformando Água em Vinho: Uma Visão Profunda e Transformadora Sobre os Evangelhos*, p. 27-28.
- 39 RODRÍGUEZ, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada*, p. 68.
- 40 ARIAS, *Jesus, Esse Grande Desconhecido*, p. 34-35.
- 41 TRICCA, *Apócrifos: Os Proscritos da Bíblia*, p. 13.
- 42 UR-RAHIM, *Jesus, Um Profeta do Islão*, p. 49-50.
- 43 EHRMAN, *O Que Jesus Disse? O Que Jesus Não Disse?: Quem Mudou a Bíblia e por quê*, p. 46.
- 44 EHRMAN, *Jesus Existiu ou Não?*, p. 55.
- 45 VERMES, *O Autêntico Evangelho de Jesus*, p. 11-12.
- 46 LOURENÇO, *Bíblia, Novo Testamento: os Quatro Evangelhos*, p. 15.
- 47 ARIAS, *Jesus, Esse Grande Desconhecido*, p. 38.
- 48 BARRERA, *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*, p. 398.
- 49 EHRMAN, *O Que Jesus Disse? O Que Jesus Não Disse?: Quem Mudou a Bíblia e Por Quê*, p. 17.

- 50 EHRMAN, *O Que Jesus Disse? O Que Jesus Não Disse?: Quem Mudou a Bíblia e Por Quê*, p. 20.
- 51 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1691.
- 52 BARRERA, *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*, p. 396.
- 53 BARRERA, *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à história da Bíblia*, p. 488.
- 54 EHRMAN, *Como Jesus se Tornou Deus*, p. 123-124.
- 55 RODRÍGUEZ, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada*, p. 69.
- 56 *Bíblia do Peregrino*, p. 2318.
- 57 *Bíblia do Peregrino*, p. 2393.
- 58 *Bíblia do Peregrino*, p. 2449.
- 59 *Bíblia do Peregrino*, p. 2544.
- 60 *Bíblia Sagrada Vozes*, p. 1176.
- 61 *Bíblia Sagrada Vozes*, p. 1212-1213.
- 62 *Bíblia Sagrada Vozes*, p. 1271.
- 63 *Bíblia de Jerusalém*, p. 1839.
- 64 *Bíblia Sagrada Santuário*, p. 1434.
- 65 DENIS, *Cristianismo e Espiritismo*, p. 26.
- 66 JOHNSON, *História do Cristianismo*, p. 456.
- 67 Trata-se do pastor e teólogo protestante alemão Edgar Ludwig Theodor Hennecke (1865-1951), autor de *New Testament Apocrypha* (1904), fonte:
https://de.wikipedia.org/wiki/Edgar_Hennecke
- 68 MIRANDA, *Cristianismo: a Mensagem Esquecida*, p. 161.
- 69 RODRÍGUEZ, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada*, p. 65-66.
- 70 RODRÍGUEZ, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada*, p. 178.

- 71 VERMES, *As Várias Faces de Jesus*, p. 15-16.
- 72 VERMES, *As Várias Faces de Jesus*, p. 18.
- 73 VERMES, *As Várias Faces de Jesus*, p. 19.
- 74 ARIAS, *Jesus, Esse Grande Desconhecido*, p. 33.
- 75 URRESTI, *A Face Oculta de Jesus: os Mitos Egípcios e Maria Madalena, Sua Origem Essênica e o Mistério de Rennes-le-Château*, p. 125.
- 76 N.T.: Fredricksen, *Jesus*, p. 19.
- 77 N.T.: Há uma crença muito difundida de que Lucas era gentio, mas não há prova incontestável disso.
- 78 ARMSTRONG, *A Bíblia: Uma Biografia*, p. 71.
- 79 HARPUR, *Transformando Água em Vinho: Uma Visão Profunda e Transformadora Sobre os Evangelhos*, p. 25.
- 80 N.T.: Ver Tom Harpur: *The Pagan Christ* (Toronto: Thomas Allen, 2004, capítulo 9. (*O Cristo dos Pagãos*, publicado pela Editora Pensamento, São Paulo, 2008).
- 81 HARPUR, *Transformando Água em Vinho: Uma Visão Profunda e Transformadora Sobre os Evangelhos*, p. 25-25.
- 82 HARPUR, *Transformando Água em Vinho: Uma Visão Profunda e Transformadora Sobre os Evangelhos*, p. 221.
- 83 N.T.: Alguns críticos de um dos meus livros anteriores, sobre o problema do sofrimento, sugeriram deturpadamente que o título “O problema com Deus” na verdade deveria ser “O problema com Deus segundo Bart Ehrman” –, mas obviamente não é como eu mesmo chamaria o livro!
- 84 EHRMAN, *Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi?*, p. 118-120.
- 85 EHRMAN, *Quem Escreveu a Bíblia?*, p. 19.
- 86 EHRMAN, *Jesus Existiu ou Não?*, p. 179.

- 87 N.T.: "Introduction to the gospels" (in Googan et al., 2001, p. 4).
- 88 N.T.: Helms, 1988, p.24.
- 89 ORSI, *O Livro dos Milagres: o Que de Fato Sabemos Sobre os Fenômenos Espantosos da Religião*, p. 37-38.
- 90 SÁNCHEZ-GARNICA, *O Grande Arcano*, p. 428.
- 91 BARRERA, *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*, p. 497.
- 92 CHAMPLIN, *O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 1*, p. 800-801.
- 93 EHRMAN *O Que Jesus Disse? O Que Jesus Não Disse?: Quem Mudou a Bíblia e Por Quê*, p. 76-77.
- 94 JOHNSON, *História do Cristianismo*, p. 38.
- 95 VERMES, *O Autêntico Evangelho de Jesus*, p. 353.
- 96 BARRERA, *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã: Introdução à História da Bíblia*, p. 497.
- 97 EHRMAN, *O Que Jesus Disse? O Que Jesus Não Disse?: Quem Mudou a Bíblia e Por Quê*, p. 73-74.
- 98 JOHNSON, *História do Cristianismo*, p. 38.
- 99 VERMES, *As Várias Faces de Jesus*, p. 231.
- 100 FLUSSER, *O Judaísmo e as Origens do Cristianismo*, p. 156.
- 101 RODRÍGUEZ, *Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia foi Manipulada*, p. 210.
- 102 VERMES, *O Autêntico Evangelho de Jesus*, p. 377-378.
- 103 N.T.: Discuto essas discrepâncias, contradições e problemas históricos com profundidade em *Jesus, Interrupted* (San Francisco: HarperOne, 2009).
- 104 EHRMAN, *Como Jesus se Tornou Deus*, p. 127.
- 105 VERMES, *As Várias Faces de Jesus*, p. 198.
- 106 VERMES, *As Várias Faces de Jesus*, p. 231.

- 107 SILVA NETO SOBRINHO, *Falhas da Bíblia Inerrante*, link; <https://paulosnetos.net/article/falhas-da-biblia-inerrante>
- 108 SILVA NETO SOBRINHO, *Toda Escritura é Mesmo Inspirada?*, link: <https://paulosnetos.net/article/toda-escritura-e-mesmo-inspirada-ebook>
- 109 SOUZA, *Três Maneiras de Ver Jesus: a Maneira Histórica, a Mítica Literal e a Mítica Simbólica*, p. 67.
- 110 O autor está se referindo aos quatro primeiros capítulos de sua obra, nos quais cita: as 13 epístolas de Paulo, Constituições Apostólicas, Apocalipse, epístola de Judas, epístolas de Pedro e Apocalipse de Pedro.
- 111 EHRMAN, *Quem Escreveu a Bíblia?*, p. 142.